

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA**

**ANDRESA DENIS AMBROSO**

**A DANÇA NO ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES ACERCA DAS FALAS DOS  
PROFESSORES DE ARTE DA REDE MUNICIPAL DE SIDERÓPOLIS/SC**

**CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011**

**ANDRESA DENIS AMBROSO**

**A DANÇA NO ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES ACERCA DAS FALAS DOS  
PROFESSORES DE ARTE DA REDE MUNICIPAL DE SIDERÓPOLIS/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciado no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Mndo Marcelo Feldhaus

**CRICIÚMA, NOVEMBRO DE 2011**

**ANDRESA DENIS AMBROSO**

**A DANÇA NO ENSINO DA ARTE: REFLEXÕES ACERCA DAS FALAS DOS  
PROFESSORES DE ARTE DA REDE MUNICIPAL DE SIDERÓPOLIS/SC**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 28 de novembro de 2011

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Marcelo Feldhaus – Mestrando em Educação - (UNESC) - Orientador

Profª Aurélia Regina de Souza Honorato – Doutoranda em Ciências da Linguagem -  
(UNISUL)

Profª Caroline Tromm – Especialista – Educação Estética - (UNESC)

**Dedico este trabalho ao meu marido Adriano e minha filha Laura, que ao longo desta jornada souberam entender minhas ausências e minhas aflições, manifestando muito amor, carinho e compreensão. Dessa forma só posso dizer que amo muito vocês.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus que me deu forças e condições de realizar esse curso, pois sei que em todos os momentos estive e sempre estará ao meu lado. Obrigado Meu Deus!

Agradeço também ao meu marido e minha filha, que ao longo desses quatro anos sempre me apoiaram me consolando nos momentos mais árduos, com muito carinho, paciência e compreensão. Essa conquista não é só minha, mas também de vocês: Adriano e Laura, obrigada!

Não poderia deixar de agradecer aos meus pais e meus irmãos que me ajudaram e me apoiaram em minhas decisões ao longo da vida. Mãe, Pai, Chander, Fábio, obrigada!

Agradeço às amigadas que conquistei ao longo desta caminhada, compartilhando momentos de alegria e tristezas, que nos levaram até aqui. Mas, dentre meus colegas de turma, gostaria de destacar aqueles que estavam mais próximos e foram pessoas importantes nessa caminhada: Joana, Bruna, Patrick e Alexandra, obrigada!

Com muito carinho, agradeço a todos os professores que participaram deste caminho, compartilhando seus conhecimentos e em especial ao meu professor orientador, pois sua colaboração, paciência e determinação foram essenciais para essa conquista. Marcelo, muito obrigado!

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que de alguma forma me ajudaram na conquista deste objetivo. Meu muito obrigada!

**“A sensibilidade é cultivada para o movimento e sua percepção mais aguda, parte necessária de nossa capacidade de nos relacionar com o mundo e com os outros”.**

**Lisa Ullmann**

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como se apresenta o desenvolvimento dos conteúdos da dança, como linguagem, nas aulas de arte, tendo como atores os professores da rede municipal de Siderópolis/SC. Apresento como objeto de pesquisa investigar: em que medida os professores de arte da rede municipal de Siderópolis trabalham os conteúdos da linguagem da dança em suas aulas? Para buscar esclarecer o problema, apresento em meu referencial teórico, diferentes conceituações sobre arte e as diferentes linguagens, em especial a dança. Dialogo com autores como Coli (2006), Martins, Picosque e Guerra (1998), Strazzacappa (2006) e Morandi (2001). Apresento também, conceitos sobre a dança e o seu desenvolvimento histórico. Busco aproximar a linguagem visual e a linguagem da dança, sugerindo possibilidades de diálogos entre as linguagens da arte. Autores como Oliveira (2008), Portinari (1989), Nanni (2001). De acordo com o meu problema, minha pesquisa se insere na linha de Educação e Arte e se define como qualitativa de natureza básica, uma vez que tem o intuito de contribuir para diferentes reflexões sobre o contexto investigado. A pesquisa envolve quatro professores de arte e evidencia a realidade da linguagem da dança nas aulas de arte. Contudo, a partir dos resultados, mostra que os professores têm diferentes olhares e dizeres em relação à dança como uma linguagem da arte com códigos e signos específicos, no que resulta em práticas que apresentam fragilidade e poucas experiências com dança na escola.

**Palavras-chave:** Dança. Arte. Formação de professor.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Basses Danses .....</b>	<b>27</b>
<b>Figura 2 – Maria Toglioli .....</b>	<b>28</b>
<b>Figura 3 – Isadora Duncan .....</b>	<b>30</b>
<b>Figura 4 – Martha Grahm .....</b>	<b>31</b>
<b>Figura 6 - Maria Duchesne.....</b>	<b>34</b>
<b>Figura 7 - Cia. Deborah Colker .....</b>	<b>35</b>



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cronograma dos encontros .....	53
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

LDB	Leis de Diretrizes e Bases
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
SC	Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1.2 Método da pesquisa</b> .....	<b>13</b>
<b>2 ARTE E LINGUAGENS: É POSSÍVEL CRIAR DEFINIÇÕES?</b> .....	<b>16</b>
<b>2.1 O que é arte?</b> .....	<b>16</b>
<b>2.2 As diferentes linguagens da arte</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2.1 Breves reflexões sobre as quatro linguagens da arte</b> .....	<b>19</b>
<b>2.3 Possíveis relações entre dança e artes visuais</b> .....	<b>22</b>
<b>3 A ARTE DE DANÇAR: ENTRE PASSOS E COM PASSOS</b> .....	<b>24</b>
<b>3.1 Conceituações sobre dança</b> .....	<b>24</b>
<b>3.2 A história da dança: breves recortes</b> .....	<b>25</b>
<b>3.2.1 A dança no Brasil</b> .....	<b>32</b>
<b>4 DANÇA, EDUCAÇÃO E ARTE</b> .....	<b>36</b>
<b>4.1 Dança na educação: de quem é a responsabilidade?</b> .....	<b>36</b>
<b>4.2 A formação do professor de arte e o ensino da dança</b> .....	<b>41</b>
<b>5 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>44</b>
<b>5.1 Projeto de Extensão</b> .....	<b>51</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>59</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>633</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A dança sempre se fez presente na minha vida. Lembro-me quando criança, que meu pai sintonizava o rádio e me tirava para dançar. Os passos ou (des)compassos invadiam a sala, cozinha, quartos... Algumas vezes, recordo que parava e ficava observando meu pai dançar, feliz e sorridente, me contagiando com sua empolgação... Logo tratava de voltar a dançar com ele... Era gostoso se movimentar... Acredito que essas experiências e lembranças que trago desde a infância tenham despertado em mim o gosto pela dança e resultado também nessa proposta de iniciação a pesquisa.

Já ao longo da minha caminhada escolar não tive o prazer de vivenciar aulas de Arte. O colégio que estudei na época não oferecia a mesma como uma disciplina do currículo. Lembro-me que o contato com arte se dava em outras disciplinas com apresentações de teatro, desenhos, pinturas e danças para dias festivos da escola.

Sempre gostei dos assuntos relacionados à arte, principalmente à dança. Na escola, apesar de muito tímida sempre me envolvi com atividades relacionadas com a dança, a liberdade de me expressar com o corpo me encantava.

Lembro-me que fora da escola também frequentei aulas de jazz oferecidas pela academia perto de minha casa. Esse contato com a dança estendeu-se durante minha adolescência. Porém, depois que terminei o ensino regular, os contatos com a dança foram diminuindo, mas o gosto por ela nunca morreu.

O gosto pela arte foi o que me impulsionou a escolher o Curso de Artes Visuais - Licenciatura. No decorrer do curso, muitas coisas aprendi, com cada professor, cada aula, cada vivência. Mas dentro do curso foi a disciplina de Expressão Teatral que me encantou. Através das aulas pude experimentar novamente o movimento, o gesto e a expressão a partir da experiência estética, em específico na modalidade de dança-teatro. Através da experiência vivenciada com os elementos da dança nesta disciplina, pude conhecer melhor essa linguagem e perceber possibilidades de trabalhar com a mesma nas aulas de arte. A partir daí começaram a surgir questionamentos sobre a prática da dança na escola. Como se apresentam os currículos? Quem deve trabalhar a dança? Estes foram alguns dos questionamentos que contribuíram para a delimitação do objeto de minha pesquisa

que busca investigar: em que medida os professores de arte da rede municipal de Siderópolis trabalham os conteúdos da linguagem da dança em suas aulas?

Para poder compreender essa problematização, faz-se necessários outros questionamentos que norteiam esta pesquisa: O que é dança na escola? A dança é vista pelos professores de arte como uma linguagem com conteúdos específicos? Os alunos percebem a dança como um conteúdo da disciplina de arte? O professor de arte tem a experiência da dança em sua formação? Porque existe uma aparente distância entre os professores de arte e o conteúdo de dança se o mesmo está inserido no PCN de arte? Por que normalmente a dança está inserida na disciplina de Educação Física se a mesma é uma linguagem artística? Partindo dos meus questionamentos e apoiada pelo referencial teórico, divido esta pesquisa em seis capítulos.

Após a introdução proponho o segundo capítulo, onde trago conceituações sobre arte e as diferentes linguagens com breves reflexões sobre as linguagens da arte. Apresento e discuto possíveis relações entre a dança e as artes visuais. Para essas discussões amparo-me em Coli (2006), Martins, Picosque e Guerra (1998), Oliveira (2008) dentre outros.

O terceiro capítulo tem como foco a dança. Apresento conceituações sobre essa linguagem apoiada em diversos autores que dialogam sobre o assunto. Proponho breves recortes sobre a história da dança no mundo e no Brasil. Apoio-me nos pensamentos de vários autores que escrevem sobre o assunto, dentre eles: Nanni (2001) Garcia e Haas (2003) e Portinari (1989).

O quarto capítulo aponta diálogos sobre a dança na escola, evidenciando as especificidades da mesma. Para isso faço um paralelo entre os documentos e as diretrizes para a dança na Disciplina de Educação Física e na Disciplina de Arte. Discuto sobre a formação do professor de arte e o ensino da dança. Tenho como base os pensamentos de Morandi (2006), Marques (2007) e Parâmetros Curriculares de Educação Física (2000).

Já para o quinto capítulo apresento as análises sobre os pensamentos e falas de quatro professores de Arte do município de Siderópolis/SC em relação ao problema de pesquisa. Para dialogar com a fala dos professores, me apoio nas Leis de Diretrizes e Base (1996) e Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (2000). Neste capítulo também apresento uma proposta de projeto de extensão no qual

busco contribuir com o conhecimento sobre a dança e suas possibilidades na sala de aula.

No sexto capítulo aponto minhas considerações finais acerca dos resultados alcançados por essa pesquisa.

## 1.2 Método da pesquisa

Minha pesquisa se insere na linha sobre Educação em Arte, prevista no ementário do Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC. A mesma estabelece e evidencia princípios teóricos e metodológicos sobre arte e educação bem com suas relações com a prática pedagógica.

A pesquisa sobre arte amplia o conhecimento teórico, abrindo novas possibilidades e caminhos, pois ensinar arte não se relaciona somente a dominar habilidades, mas conhecer, saber ensinar e aprender, uma vez que a arte é uma área de conhecimento que abrange as múltiplas linguagens contemplando a ampliação e percepção estética dos sujeitos. De acordo com Pimentel:

A professora de arte, nesse sentido, precisa ser uma pesquisadora constante, “de plantão”. Fica claro que o ideal é que ela esteja em atividade enquanto artista, mesmo que não tenha inserção destacada no mercado de arte. A pesquisa do fazer artístico se faz no próprio fazer na reflexão sobre fazer ele; a do ensinar arte se faz no fazer/aprender/ensinar e na sua reflexão. (2006, p.311).

Pensando em pesquisa, Zamboni (2006, p.51) escreve “é a busca sistemática de soluções com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano”. Minayo vem ao encontro e complementa “toda investigação se inicia por um problema, uma questão, com uma dúvida ou com uma pergunta, articuladas a conhecimentos anteriores, mas também podem demandar a criação de novos referenciais.” (1994, p.18)

O desenvolvimento dessa pesquisa ocorreu no município de Siderópolis/SC. Lá realizei alguns dos projetos de estágio supervisionado obrigatório do curso para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais. Partindo desta experiência e juntamente com a paixão que tenho pela dança, nasce meu problema de pesquisa: **em que medida os professores de arte da rede municipal de**

### **Siderópolis trabalham os conteúdos da linguagem da dança em suas aulas?**

Para auxiliar na busca da resposta, outras questões fazem-se necessárias, dentre elas: O que é dança na escola? A dança é vista pelos professores de arte como uma linguagem com conteúdos específicos? Os alunos percebem a dança como um conteúdo da disciplina de arte? O professor de arte tem a experiência da dança em sua formação? Porque existe uma aparente distância entre os professores de arte e o conteúdo de dança se o mesmo está inserido no PCN de arte? Por que normalmente a dança está inserida na disciplina de Educação Física se a mesma é uma linguagem artística?

Neste sentido trago como objetivo geral da pesquisa, investigar e refletir sobre como os professores da rede municipal de Siderópolis/SC desenvolvem propostas contemplando conteúdos de dança em suas aulas.

Aponto também, alguns objetivos específicos que me direcionaram nesta pesquisa: compreender o que é dança na escola; analisar se os professores de arte da rede municipal de Siderópolis concebem a dança como uma linguagem de conteúdos específicos que podem ser desenvolvidos em suas aulas; identificar quais as possibilidades que os professores de arte da rede municipal de Siderópolis oferecem para a fruição da dança em suas aulas; realizar pesquisa de campo envolvendo os professores de arte da rede municipal no sentido de coletar dados que dialoguem com o referencial teórico; ampliar teoricamente os estudos sobre o tema da pesquisa; elaborar um projeto de extensão a partir dos dados analisados contribuindo com a realidade campo.

Para que pudesse alcançar os objetivos traçados, aponto como método a classificação como uma pesquisa qualitativa de natureza básica, onde segundo Goldenberg (1997, p. 49) “os dados da pesquisa qualitativa objetivam uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social”, uma vez busca entender e aprofundar em um tema específico, sem a intenção imediata de medir ou comprovar fatos, mas sim melhorar o contexto qualitativamente.

Quantos aos objetivos a pesquisa será exploratória

[...] que se coloca como fundamental para definição mais precisa do objeto de estudo. É o momento de especificar as questões ou pontos críticos, de estabelecer os contatos iniciais para entrada em campo, de localizar os

informantes e as fontes dos dados necessários para estudo [...]. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 22).

Os estudos se deram entre os meses de agosto e novembro de 2011. Os dados foram coletados por meio de pesquisa de campo a partir de entrevistas com perguntas semi-estruturadas envolvendo quatro professores de arte habilitados, que trabalham na rede municipal de Siderópolis/SC. A entrevista ocorreu a partir do contato com esses professores nos seus respectivos locais de trabalho. Sendo que a mesma aconteceu de forma individual e presencial entre o pesquisador e entrevistado. As entrevistas foram concedidas através de autorizações escritas e assinadas pelos entrevistados

Opto pelo instrumento de entrevistas, pois é uma das diversas formas de pesquisa de campo. De acordo com Minayo (1994, p. 78):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. [...] Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico.

Buscando dialogar e oferecer possibilidades de intervenção na realidade, proponho um projeto de extensão, atendendo às solicitações dispostas pelas DCN (Diretrizes Curriculares Nacionais para Artes Visuais), com uma proposta de curso de formação continuada com professores de arte visando promover a ampliação de repertório sobre os conteúdos de dança, onde os mesmos poderão ter um contato maior com essa linguagem percebendo possibilidades de trabalhar as mesmas em suas aulas.



## **2 ARTE E LINGUAGENS: É POSSÍVEL CRIAR DEFINIÇÕES?**

A linguagem significa um sistema de signos e que tem como objetivo transmitir algo, dar significado aquilo que queremos comunicar. Assim, podemos dizer que a arte é uma forma de linguagem, que comunica, transmite e atribui significados àquilo que se deseja. Pois, quando desenhamos, cantamos, dançamos, realizamos interpretações, que são possibilidades de comunicar, transmitir o que se sente, sem precisar escrever ou ler. Concordo com Oliveira (2008, p. 76) quando escreve: “podemos considerar como texto um balé, uma instalação, uma música, uma escultura. Texto é uma unidade de análise”.

Essas diferentes possibilidades de comunicação, leitura e linguagem que a arte nos oferece são importantes para a formação de nosso repertório artístico-cultural, nossa capacidade criativa e nosso desenvolvimento enquanto seres sensíveis ao mundo que nos rodeia. Nesse aspecto, entendo que as linguagens da arte contribuem para a construção de um sujeito mais autoral que a reconhece enquanto parte de sua formação sensível.

### **2.1 O que é arte?**

A arte é uma das primeiras manifestações onde homem se relacionou com o mundo. Remeto-me às pesquisas de Buoro (2003, p. 19) que escreve: “a arte, portanto, se faz presente, desde as primeiras manifestações de que se tem conhecimento, como linguagem, produto de relação homem/mundo”. É também, por meio da arte que o homem expressa seus sentimentos, suas emoções, sua história e sua cultura. Cria significados, ressignifica e potencializa o olhar. De acordo com a autora: “a Arte é uma forma de o homem entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele” (p.20).

Mas é possível definir a arte? De acordo com vários autores que se debruçaram e se debruçam sobre o assunto não existe uma definição exata para explicá-la. Coli (2006, p.112), importante autor nas pesquisas sobre arte aponta: “a arte escapa as definições. Seu domínio, movente e fugidio, estende-se além da razão, além das determinações racionais e lógicas”. Para compreender a arte é preciso senti-la, visitá-la, fruir e ter experiências estéticas uma vez que “a arte não isola, um a um, os elementos da casualidade, ela não se explica, mas tem o poder

de nos fazer sentir”. A partir do fazer sentir, o homem experimenta diferentes sensações que possibilitam a descoberta de outros mundos. Conforme Leite (2008, p. 63), “a arte nos leva para outros mundos, outras sensações, outros sentimentos. Ela mexe não só com a nossa cognição, mas com nossos afetos e, por isso, nos afeta”. Esse pensamento de Leite vai ao encontro dos estudos de Coli (2006, p. 113), pois “a arte constrói, com elementos do mundo sensível, um outro mundo, fecundo em ambigüidade”. Comungo desses autores uma vez que compreendo que a arte vai além de uma definição fechada e pronta, o que vale é o que ela nos permite sentir, experimentar, expressar, descobrir e criar e recriar.

Pautada nos estudos de Leite e Ostetto (2003, p. 22) entendo: “a arte é um sistema de manifestações e códigos que se interpenetram e se recodificam a cada momento”. Nesse viés recorro aos escritos de Martins, Picosque e Guerra (1998, p.41): “atuamos no mundo lendo e produzindo linguagens [...] seja para pisar em certezas, seja para voar em fantasias”. Quando se fala em linguagem estamos condicionados a pensar somente na linguagem oral e escrita, acreditando que seja a única forma de interpretar e conhecer o mundo, esquecendo que podemos nos comunicar, nos expressar e produzir conhecimento através de outras linguagens. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998).

Mas o que é linguagem? Para responder a esta questão remeto-me a Oliveira (2008, p. 77): “linguagem é um conjunto (sistema) de signos, organizados mediante regras, visando a comunicar significados”. A Arte, enquanto linguagem auxilia o homem comunicar e interpretar o mundo ao seu redor.

Concordo com Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 41) que nos fala: “a arte é uma forma de criação de linguagem – a linguagem visual, a linguagem musical, a linguagem cênica, a linguagem da dança, a linguagem cinematográfica, entre outros”. Dessa forma percebe-se que a arte é a criação de linguagens com códigos específicos, e que existem diferentes maneiras de se comunicar e se expressar dentro dela. Assim proponho no próximo título refletir sobre essas diferentes linguagens que fazem parte da arte.

## **2.2 As diferentes linguagens da arte**

De acordo com as reflexões iniciais deste capítulo, entendo a arte enquanto uma área do conhecimento com diferentes linguagens. Estas linguagens

têm códigos independentes, porém dialogam entre si. É importante que o ser humano tenha contatos com essas linguagens para que possa ampliar seu repertório estético e dialogar com o mundo em que vivemos.

Nas diferentes linguagens da arte, podemos comunicar, transmitir e significar nossos sentimentos e conhecimento de mundo, experimentando, sentindo e criando através de algo que já conhecemos, mas que não nos impede de inovar, (des)<sup>1</sup>obedecendo, dialogando com o mundo que nos rodeia, construindo novos olhares e conceitos. Diferente de uma linguagem verbal, ou escrita, propriamente dita que existem regras a serem seguidas, sem que possa se quebrá-las. Dessa forma concordo com Oliveira quando:

Nas linguagens propriamente ditas, como na linguagem verbal, existe uma gramática, um conjunto de regras específicas. São essas normas que permitem, ao professor de português, corrigir provas de seus alunos, mostrando aonde erraram. [...] Ao contrário, as linguagens artísticas e, mais ainda as estéticas, pressupõem originalidade, ou seja, imagens de objetos, enfim textos que consistam proposições diferentes das já conhecidas [...] conseguir tal característica, a da originalidade, muitas vezes o construtor desses textos estéticos se utiliza nada mais nada menos, do que da desobediência às normas, às regras ou padrões pré-estabelecidos de uma linguagem. Todavia, esta espécie de desobediência não se caracteriza como um erro; ao contrário. É este fenômeno que, em “linguagem” poética, se chama licença poética. (2008, p. 78).

Desta forma, trabalhar as diferentes linguagens na escola, e também fora dela (embora nesse momento, opto por fazer um recorte com o espaço escolar, foco de minha pesquisa) propiciar ao aluno momentos de descoberta e ampliação de repertório através da imaginação, da ludicidade, da experimentação, da poética, da reflexão e interpretação. Sobre isso, Garcia (2000, p. 12) escreve:

Não deveríamos estar deixando fluir a “imaginação” de nossos alunos e alunas, e sua “intuição” e sua “sensibilidade”, e ao pretender educar, educar (o que não significa domesticar) o olho, o ouvido, o tato, o olfato e a gustação, formas de conhecimento do mundo e de si mesmo, pois só assim lhe será oferecida a possibilidade de diversidade de pensamento, de diversidade de linguagens?

É importante propiciar ao aluno momentos com diferentes meios expressivos da arte. O contato com a arte, o olhar significativo e aprofundado que

---

<sup>1</sup> Opto por utilizar o termo entre parênteses no intuito de potencializar a ação do sujeito, no sentido de construir e (re)construir, visitar e (re)visitar, no sentido de ampliar o repertório e experimentar novas possibilidades.

cada linguagem envolve, possibilitará ao aluno conhecer as especificidades de cada uma e perceber que as mesmas podem dialogar entre si. Sobre isso, a Proposta Curricular de Santa Catarina nos aponta: “contudo, ao transitar por outras linguagens, o professor necessitará selecionar os conteúdos de maneira sensata, para que eles não fiquem fragmentados e distantes do objeto de estudo [...]” (BRASIL, 1998, p.187).

A partir da análise de alguns documentos, assim como de alguns autores da área, percebo que a arte é apresentada em quatro linguagens. Artes visuais, Música, Teatro e Dança. Estas são previstas nos Parâmetros Curriculares a partir de orientações para o trabalho do professor na escola.

Neste momento veremos resumidamente sobre as especificidades de cada linguagem citada acima. Debruço-me no PCN de Arte e em autores que escrevem sobre as mesmas.

### **2.2.1 Breves reflexões sobre as quatro linguagens da arte**

Ao pensarmos em artes visuais podemos relacionar às poéticas visuais. A imagem e sua exploração, apresentação, envolvendo os fundamentos que a constituem estão presentes em nosso cotidiano, pois o mundo ao nosso redor está repleto de imagens, signos e códigos e que não se remetem apenas a desenhos e pinturas como imaginamos ao nos debruçarmos sobre essa linguagem. São inúmeras as possibilidades para vivenciar as especificidades das Artes Visuais, pois de acordo com os PCNs de Arte:

As artes visuais, além das formas tradicionais (pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, artefato, desenho industrial), incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas a partir da modernidade (fotografia, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance). (BRASIL, 2000, p. 61).

A importância de evidenciar essa linguagem no ambiente escolar é o aluno receber e apreciar as mais diferentes formas visuais que estão relacionadas ao seu cotidiano, proporcionando ao mesmo, possibilidades de criação, imaginação e sensibilidade auxiliando na sua alfabetização estética.

Sobre a música, o PCN escreve: “para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a

oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula”. (BRASIL, 2000, p.77).

A música é umas das linguagens artísticas que o aluno deve conhecer, é importante na sua formação. Trabalhar essa linguagem não significa aprender a tocar um instrumento, podemos compreender e apreciar a diversidade de estilos musicais, a criação de instrumentos e a percepção dos diferentes sons e ruídos que estão presentes no espaço em que vivemos. O professor poderá proporcionar ao aluno o aguçar da imaginação, despertando sua sensibilidade, espontaneidade, interpretação e respeito à diversidade de estilos. “as crianças criam, improvisam e ficam contentíssimas com sua música”. (OSSONA, 1998, p.27).

O teatro é uma linguagem corporal evidentemente presente na vida da sociedade desde muitos anos atrás. Das civilizações mais antigas às contemporâneas. Pode-se evidenciar que ao longo dos anos essa linguagem foi se transformando e ganhando novos espaços, conceitos e representações. Conforme o PCN (BRASIL, 2000, p. 83): “o teatro como arte, foi formalizado pelos gregos, passando dos rituais mais primitivos das concepções religiosas que eram simbolizadas, para o espaço cênico organizado, com demonstração de cultura e conhecimento”.

A teatralidade está presente em todos os âmbitos. No cotidiano das pessoas, através da comunicação e nas expressões em que os cidadãos executam. É uma linguagem rica em possibilidades tanto estéticas, quanto culturais, que evidenciam momentos e situações diversificados na vida humana. (GAIGER, 2000, p.110), pressupõe que:

[...] sob semelhante ponto de vista esta prática do fazer teatral pode ser compreendida na escola, não como uma preparação de atores, mas como deflagração de um processo no qual as crianças (e também jovens e adultos) se lançam abrindo espaços autênticos e livres de manifestação e expressão.

No âmbito escolar, o teatro permite que o aluno aprenda a improvisar, a se expressar com o corpo, incentiva a leitura e desenvolve a oralidade, propicia o trabalho em grupo e o entrosamento com as pessoas.

A dança é uma linguagem artística que mexe com o nosso corpo, a partir de movimentos e ritmos diferentes. Podemos, através desses movimentos, criar e (re)criar uma composição harmoniosa que podemos chamar de coreografia. Na

dança podemos experimentar o corpo em sua totalidade, estimulando a expressão corporal como algo prazeroso, relaxante e interessante, interagindo com os elementos da dança, como movimentos, gestos e expressões. O corpo, a mente e o espaço usufruindo do momento de experiência estética. “O corpo humano, entendido como totalidade (mente e físico), ativado e capacitado para explorar suas possibilidades do movimento e assim desenvolverem-se como inteligências múltiplas”. (BRASIL, 2006, p.196). Dessa forma percebemos que a dança é uma linguagem que se comunica com o corpo, manifestando nossos sentimentos e interagindo com o espaço em que estamos inseridos potencializando o processo de imaginação e de criação. Concordo com Strazzacappa (2006, p.72) que escreve: “quando criamos e nos expressamos por meio da dança, interpretamos seus ritmos e formas, aprendemos a relacionar o mundo interior com o mundo exterior”.

Movimentar-se é algo natural do ser humano, nós agimos com o mundo através de nossos gestos corporais. Expressamo-nos com os nossos movimentos, e é através desses movimentos que podemos nos relacionar com os outros e como o mundo que nos rodeia. Concordo com Morandi (2006, p.69) quando escreve: “o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos.”

Assim como as artes visuais, a música, o teatro e a dança são considerados linguagens artísticas que devem estar presente nos processos de educação escolar.

A dança oportuniza aos alunos experimentarem as diversas possibilidades muitas vezes adormecidas em seus corpos. A consciência corporal, acompanhada do significado que se atribui aos gestos, sentidos e experiências podem favorecer o processo de criação e oportunizar contatos com essa linguagem como uma forma de construção do conhecimento.

De acordo com o PCN:

Dessa forma, a escola pode desempenhar papel importante na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo de dança, pois dará aos alunos subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade. [...] essa função da escola torna-se ainda mais relevante, pois os alunos já começam a mais claramente tomar consciência de seus corpos e das diversas histórias, emoções, sonhos e projetos de vida que neles estão presentes. (BRASIL,1998, p. 70-71).

A dança pode nos ajudar a compreender que o corpo em movimento é uma forma de comunicação onde podemos expressar características de nossa cultura e de nossa identidade bem como apreciar as diversidades culturais e conhecer mais sobre nossa personalidade. Sobre isso Marques (2007, p.37) escreve: “a linguagem da dança é uma área privilegiada para que possamos trabalhar, discutir e problematizar a pluralidade cultural em nossa sociedade”. Percebemos que experimentar a dança enquanto linguagem da arte não é apenas um corpo em movimento, mas sim um corpo que comunica, transmite sensações, e que ampliar o nosso olhar para a compreensão, reflexão e relação com as diferentes manifestações culturais em nossa sociedade.

Contudo, de acordo com os documentos analisados nesta escrita, percebemos que a arte é representada por quatro linguagens. Cada uma com suas especificidades que dialogam entre si, de grande importância na formação do sujeito enquanto autor de sua própria história, percebendo, experimentando, criando, fruindo com diferentes possibilidades de se comunicar como o mundo em que vive, seja no espaço escolar ou fora dele.

Devo salientar que no capítulo três desta pesquisa me aprofundarei de maneira significativa na linguagem da dança, uma vez que a mesma é o foco de minha pesquisa.

### **2.3 Possíveis relações entre dança e artes visuais**

A dança é uma linguagem da arte com suas especificidades, porém estabelece relações com as outras linguagens. Mas como percebemos essas relações? De acordo com Oliveira (2008, p. 77): “dadas essas relações, o conhecimento contido em um texto, ou a leitura de uma manifestação de uma ‘linguagem’ possibilita o acesso a outras, dadas as analogias passíveis de ser, entre elas estabelecidas.”

A linguagem da dança é muitas vezes envolvida pelos elementos do teatro e da música e principalmente com códigos da linguagem visual, uma vez que podemos apreciar linhas, cores, formas e texturas nos desenhos dos figurinos e nos traços da maquiagem. Podemos ir mais longe, pois o corpo desenha no espaço, criando formas através de gestos e movimentos, materializando verdadeiras composições visuais, envolvendo linhas, volumes, planos, dando a idéia de pinturas

que se movimentam na tela. Respondendo a essa fala, dialogo com Louis que nos diz:

O espaço que cerca o bailarino torna-se sua tela. Ele pode desenhar nela e defini-la de muitas maneiras. O espaço inteiro do seu corpo lhe permite dar textura e qualidade à movimentação. [...] a maneira que ele modela seu corpo tem a extensão e a liberdade empregadas pelo escultor. (LOUIS, 1992 apud MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 66)

Não há apenas uma forma de pensar a arte ou contemplar apenas uma linguagem, pois a relação entre as linguagens acontece constantemente, as mesmas caminham juntas, uma completando a outra. Minha fala vai ao encontro do pensamento de Oliveira (2008, p.81) que diz: “a Arte, não é exclusiva desta ou daquela linguagem [...]”.

Assim acontece com as artes visuais, pois com a contemporaneidade, o hibridismo<sup>2</sup> também é visto nas obras ditas visuais. Hoje não nos limitamos em ver apenas uma imagem, ela se mistura a elementos com sons, odores, sabores e ocupa um lugar no espaço com o movimento tridimensional. (OLIVEIRA, 2008)

Dessa forma, percebemos que as linguagens se misturam, criando elos que não mais se separam e assim contemplamos todas em uma só linguagem. “Enfim, inúmeras são as possibilidades de analogia entre distintas linguagens [...] que podem ser percebidas no âmbito da construção de cada imagem, objeto ou evento [...]”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup>Podemos compreender que uma obra híbrida seria, então, uma obra resultante do cruzamento entre linguagens artísticas diferentes, mas que não seja pertencente nem a uma linguagem, nem a outra, sendo, portanto, uma terceira coisa. De acordo com o site: [www.gridccsp.org/blog/reflexões-acerca-do-hibridismo.com.br](http://www.gridccsp.org/blog/reflexões-acerca-do-hibridismo.com.br). acesso em 15/10/2001 às 15h10min

<sup>3</sup> Ibidem, p. 92



### 3 A ARTE DE DANÇAR: ENTRE PASSOS E COM PASSOS

Como essência desta pesquisa, apresento neste capítulo conceitos trazidos por alguns autores sobre a dança e com isso retomo breves recortes da história da dança no mundo e especialmente no Brasil.

#### 3.1 Conceituações sobre dança

Como podemos definir dança? Movimento do corpo? Quem pode dançar? Todo corpo dança? E a dança na escola, qual sua relação com as disciplinas? Para responder e dialogar com essas questões, trago as contribuições de Nanni (2001, p. 7), dizendo que: “as danças, em todas as épocas da história e ou espaço geográfico, para todos os povos é a representação de suas manifestações de seu “estado de espírito” permeios de emoções, de expressão e comunicação do ser, de suas características culturais”

Neste sentido, a dança sempre fez parte da vida do homem, como uma manifestação que representa sua história e sua cultura. Dessa forma, podemos dizer que a dança através dos tempos, nos possibilitou vivenciar e relacionar com o nosso exterior e interior. De acordo com Garaudy (1980, p.14): “dançar é vivenciar e exprimir com o máximo de intensidade, a relação do homem com a natureza, com a sociedade, com o futuro e com os deuses”. Ao encontro com os pensamentos de Garaudy, cito Barreto (2004, p. 76) que nos diz: “dançar é também interpretar, expressando uma forma muito própria de ver o mundo, as pessoas e tudo o que está ao seu redor”.

Podemos perceber que a dança é uma linguagem pela qual nos comunicamos. Dançando expressamos nossas emoções e sentimentos, através do corpo em movimento. Remeto-me a Martins, Picosque e Guerra (1998, p. 65) que escrevem: “sempre pensei na dança como linguagem. Uma linguagem que fala através do corpo”. Sendo assim, quando dançamos falamos através do nosso corpo, o que pensamos, sentimos, uma vez que:

Dançar é movimentar-se pelo espaço, é sentir o corpo livre, é comunicar-se consigo mesmo, é desfrutar, libertar-se... Convidar para dançar é animar a quebrar preconceitos, medos vergonhas... O movimento é comunicação; comunicar uma mensagem é utilizar uma linguagem. A linguagem corporal,

o movimento é o instrumento dessa linguagem. (ZEA,1995 apud GARCIA e HAAS, 2003, p. 139)

De acordo com as leituras realizadas para esta pesquisa, compreendo a dança como uma linguagem da arte, pois, de acordo com Garcia e Haas (2003, p. 139): “entende-se a dança como uma arte que significa expressão gestual e facial através de movimentos corporais, emoções sentidas a partir de determinado estado de espírito”.

A dança enquanto linguagem da arte nos permite conhecer melhor, demonstrando pensamentos e sentimentos que muitas vezes estão adormecidos. Comungo com Fux (1983, p. 39) quando diz que: “a dança está no homem, em qualquer homem da rua e é necessário desenterrá-la e compartilhá-la”. Dessa forma compreendemos que dançar é para todos, sendo que podemos usufruir das possibilidades que essa linguagem nos oferece inclusive no espaço escolar. Segundo Morandi (2006, p. 72): “a dança possibilita uma percepção e um aprendizado que somente são alcançados por meio do fazer-sentir que tem ligação direta com o corpo, que é a própria dança”.

Dessa forma não podemos nos limitar em apenas um pensamento para definir o que é dança, mas sim perceber que seu entendimento vem se transformando ao passo que a sociedade também se transforma.

### **3.2 A história da dança: breves recortes**

Padovan e Prina (2000, p.15) escreve que “a dança é uma clara expressão das diversas realidades culturais, diferenciadas e estratificadas, que evoluíram no decurso do tempo”. Neste viés, a dança é uma das manifestações de comunicação, e posteriormente linguagem, bastante antiga já experimentada pelo homem. Registros feitos nas paredes das cavernas mostram que o homem já dançava desde o tempo da pré-história. O homem primitivo dançava em forma de rituais para manifestar seus apelos, sua fé e suas conquistas. Sobre isso, Verderi (1998, p.35) nos aponta: “O homem primitivo dançava por inúmeros significados: caça, colheita, alegria, tristeza, exorcismo de um demônio, casamento, homenagem aos deuses, à natureza etc”. A dança nas civilizações mais antigas estava vinculada à religiosidade, em exaltar seus deuses uma maneira de manifestar suas emoções e crenças.

Na Idade Média, a dança e o teatro foram condenados pela igreja, pois segundo os ensinamentos cristãos, as manifestações corporais, eram ligadas ao pecado. Os teatros foram fechados, usados apenas em temas religiosos. A dança por sua vez, foi conservada pelo povo através de costumes populares, como as festas de primavera, sementeira e colheita, que eram praticadas de maneira camuflada, sendo que mais tarde acabaram fazendo parte em algumas cerimônias religiosas. Assim, a dança popular toma conta da corte com um estilo mais lento e refinado, surgindo assim as *basses danses*<sup>4</sup> (Figura 1). Eram chamadas dessa forma por se tratar de uma dança lenta por causa dos pesados trajes usados pelas mulheres, contrariando a espontaneidade das danças populares. Sobre isso Portinari (1989, p. 56) escreve:

[...] começa no castelo a moda da dança aos pares, lenta e solene (*basse dance*) contrastando com a vivacidade da ronda camponesa (*haute dance*). A *basse dance* da nobreza tinha que ser lenta por causa dos pesados trajes e ornamentos usados pelas castelãs.

As danças macabras, também fizeram parte da história desse período, onde o povo oprimido pela fome, guerra e a peste, dançava freneticamente para aliviar o sofrimento e espantar a morte.

A partir do século XV, ostentadas pelo luxo e riqueza das cortes renascentistas, a dança passou a fazer parte dos cerimoniais para a diversão da corte. Nessa época, as danças eram vivenciadas em festas preparadas com danças, músicas e cantos justamente para essa ocasião, onde os temas giravam em torno das lendas e triunfos heróicos inspirados na Antiguidade onde os próprios nobres interpretavam os espetáculos. Dessa forma, surge também a presença do mestre de dança, que ensinava os passos e cuidava de toda coreografia de acordo com o tema escolhido pelo seu senhor.

De acordo com Nanni:

As coreografias dos triunfos eram majestosas e os próprios nobres serviam de interpretes. Imitando a antiga Grécia, a dança passa a fazer parte da educação dos nobres. Torna-se necessária a figura do mestre de dança que ensinasse os passos e fizesse a remarcação de coreografia em torno do tema escolhido pelo nobre que o empregava: geralmente eram judeus convertidos. (2001, p. 14).

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada pela autora Maribel Portinari no livro “História da dança” (1989)

Figura 1 – Basses Danses



Fonte: [http://www.centroartisticodedanca.com.br/site\\_novo/paginas/historia.asp](http://www.centroartisticodedanca.com.br/site_novo/paginas/historia.asp)

Na França os espetáculos grandiosos ganham um novo olhar. A partir do Ballet Comique de la Reine (Ballet Teatral da Rainha), nasceu o ballet-espetáculo, patrocinado por Catarina de Médicis. Assim, no século XVIII o ballet<sup>5</sup> ganha seu apogeu na França, passando por algumas transformações, pois além da corte o ballet também é exibido em teatros. Os mestres de dança não ensinam somente os nobres, mas sim todos os alunos de diferentes classes que freqüentavam as academias despontando o ballet profissional, com princípios coreográficos, passos e movimentos definidos. Surge uma nova geração de bailarinos. As mulheres são participantes ativas, pois até então suas contribuições em espetáculos eram pequenas. “Surgem diversas bailarinas capazes de se aventurar por proezas que até então eram monopólio dos seus parceiros” (PORTINARI, 1989, p. 69).

Noverre (1727-1810) foi um bailarino acima do seu tempo que se despontou no ballet clássico. Defendia os movimentos dramáticos, valorizando a expressão facial através da pantomima, banindo as narrações e os cantos, idealizando uma nova forma de dança, o ballet d' action (balé de ação). Investindo na elaboração de novos cenários e figurinos unindo a dança, a música e pintura. “Noverre atribuiu importância à interpretação de dramas, expressão das emoções e sentimentos e a comunicação às ações advindas do exterior é o prenuncio da dança criativa importante para a Dança/Educação” (NANNI, 2001, p. 15).

---

<sup>5</sup> Ballet, palavra francesa proveniente do verbo Ballare, que no italiano significa bailar ou dançar. O termo balé é derivado da palavra ballet, segundo o livro “Ritmo e dança” de Garcia e Hass (2003).

O ballet é influenciado pelo período do romantismo, indo ao encontro da fantasia e de temas românticos. Ocorre uma inovação no figurino, abandonando as vestes pesadas, as máscaras e sapatos altos, por trajes mais leves e sapatilhas de ponta, ampliando assim, as possibilidades de movimento e a leveza na execução, reformulando os conceitos técnicos. Sobre isso, Garcia e Haas (2003, p. 79) escrevem:

flutuar com a leveza de um pássaro e gesticular suavemente foi auge do ballet clássico no período romântico especialmente quando surge, em 1827, em Paris, a bailarina Maria Taglioni [Figura 2] dançando nas pontas dos pés com sapatilhas especiais.

O ballet da Rússia se destaca no final do século XIX, onde os elementos das danças folclóricas russas se misturam aos elementos tradicionais do ballet, enriquecendo-o. Nasce o Ballets Russes de Diaghilev (A companhia de ballet russo). Trabalhava com idéias inovadoras, provocando novas tendências à dança. Porém, os métodos rígidos e as técnicas para o preparo do profissional para os espetáculos continuaram os mesmos.

De acordo com Portinari:

Sobretudo após o longo reinado de Petipa nos Teatros Imperiais da Rússia. As reformas concebidas por Fokine seguiam, um certo sentido, as aspirações dos pioneiros da dança moderna. Tais reformas, porém, não contradiziam frontalmente o vocabulário acadêmico. Apenas o libertavam do maneirismo exagerado, excesso mimico, do gesto gratuito. Mas os passos, as cinco posições básicas, o preparo técnico permaneciam os mesmos. (1989, p. 133)

Figura 2 – Maria Toglioni



Dessa forma, podemos dizer que alguns impulsos da dança moderna tenham brotado do ballet clássico, mas sabemos que os mesmos seguem vertentes distintas. Com o surgimento de uma nova sociedade influenciada pelo progresso e a modernidade. A dança por sua vez também traçou esse mesmo caminho, buscando novas formas e experimentando novas possibilidades, com movimentos mais soltos ligados a natureza e ao cotidiano do homem, se soltando das técnicas estabelecidas pelo ballet clássico. A partir destes pressupostos nasceu a dança moderna. Neste aspecto remeto-me novamente a Portinari (1989, p. 133) que nos diz:

Tomando por base a liberdade expressiva do corpo, a dança moderna reflete o contexto histórico que a gerou: a de um mundo governado por máquinas, no qual o ser humano se debate em busca de novas relações consigo mesmo e com a sociedade.

Precursora desse movimento, Isadora Duncan<sup>6</sup> (figura 3), deixa para trás as sapatilhas, e passa a dançar descalça usando túnicas, com os cabelos soltos, inspirada na Grécia antiga. A bailarina nega os princípios academicistas criando um novo estilo de dança. Uma dança livre com movimentos naturais e intuitivos. Sobre isso Garaudy (1980, p. 68) escreve:

Quaisquer que tenham sido suas realizações pessoais Isadora Duncan abriu, contra o academicismo, a brecha pela qual a dança moderna iria se introduzir. Com seu empenho em desenvolver a dança uma significação humana, de fazê-la expressar a fé e a paixão, a cólera e a esperança, ela libertou o corpo, libertou o movimento, estabeleceu um novo laço entre a dança e a música.

---

<sup>6</sup> De acordo com as autoras Ângela Garcia e Aline Nogueira Hass no livro: "Ritmo e Dança" – Isadora Duncan, bailarina americana, nascida em 1878, inconformada com a técnica, com regras rígidas, como modelos tradicionais e arcaicos do balé clássico, criou sua própria dança.

Figura 3 – Isadora Duncan



Fonte: <http://rozanipereira.blogspot.com/2010/05/isadora-duncan.html>

A partir do século XX, esses novos ares possibilitaram rupturas no cenário da dança. A liberdade de movimento corporal despertou nos bailarinos, vontade de experimentar esse novo estilo que surgia no mundo da dança, revelando grandes nomes de pesquisadores do corpo como Rudolf Von Laban. Nesse aspecto remeto-me a Morandi (2006, p. 80):

Quando a dança moderna se instaurou, contestando o rigor acadêmico e os artifícios do balé clássico, seus precursores e pioneiros privilegiavam movimentos mais livres e irmanados à natureza [...] Laban foi um dos primeiros teóricos do movimento corporal se preocuparem com a dança na educação escolar. Estudou profundamente as estruturas do movimento humano que geravam a dança, introduzindo uma análise minuciosa do movimento à arte da dança e, conseqüentemente, à educação.

O trabalho de Laban, através de estudos teóricos e aplicações de lei aos movimentos atraíram muitos seguidores, influenciando na criação coreográfica de muitos bailarinos, que trilhavam esse novo caminho.

Podemos dizer que Martha Graham (figura 4), bailarina americana, foi a pioneira dessa nova vertente da dança. Seus trabalhos apresentavam técnicas inovadoras como relaxamento e contrações a partir das leis naturais do movimento, deixando para traz saltos elevados, explorando o contato com o solo. Sobre isso Garcia e Haas (2003, p. 101) escrevem:

Martha foi certamente a maior personalidade da dança moderna através do seu legado e da criação de técnica moderna. Os movimentos obedeciam a uma lógica, almejando a plasticidade, a naturalidade e a sensação corporal, partindo do centro do corpo

E ainda, “a expressão dança moderna foi usada pela primeira vez em 1926, em referências aos trabalhos de Martha Graham<sup>7</sup>

A partir da segunda metade do século XX, alguns pensamentos e questionamentos foram se formando no mundo da dança. Sobre isso Van Langendonk<sup>8</sup> escreve:

Alguns coreógrafos começam a questionar o modo da construção da dança levantando uma verdadeira revolução no mundo da dança moderna, pois através da mesma surgem fundamentos para a construção de uma nova dança. Era a transição da dança moderna para contemporânea

Merce Cunningham foi um bailarino e coreógrafo, considerado pela crítica como o precursor da dança contemporânea. Sua criatividade na criação de coreografias construiu novas formas de se deslocar pelo espaço. Em busca de inovação criou uma nova estética para dança. Sobre isso Garcia e Haas (2003, p.98) escrevem:

Sua técnica coreográfica resultou em uma variedade de movimentos instantâneos que existem em qualquer lugar do espaço e devem dar a impressão de serem criados por acaso, sem significação determinada, apenas para envolver, condicionar e motivar.

Figura 4 – Martha Graham



Fonte: <http://ninaarsenault.com/tag/martha-graham/>

<sup>7</sup> Ibidem, p. 100

<sup>8</sup> Artigo retirado da internet:

[http://www.culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/Linha do Tempo Historia da Danca.pdf](http://www.culturaeducacao.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/Linha%20do%20Tempo%20Historia%20da%20Danca.pdf). Acessado: 20/10/2011 às 16h35min



Cunningham tinha uma forma particular de trabalhar as sequências de suas coreografias, pois muitas vezes fazia sorteio para decidir a ordem de sua apresentação. Trabalhar com o acaso era uma das características de sua obra. Gostava de utilizar acessórios para compor o cenário com objetivo de dar tom e forma a coreografia. Sobre isso Marques escreve:

Como chegou ao extremo de coreografar sem saber como seria a música ou cenário em que se desenvolveria sua produção coreográfica. A música de Cage, muitas vezes só era conhecida pelos dançarinos após o término de sua montagem. Seus cenários poderiam mudar a cada apresentação, ou mesmo com em Rain Forest, ser feitos de almofadas prateadas flutuantes que eram só jogadas em cena no dia da apresentação. (2007, p. 171).

Na fronteira entre a dança moderna e contemporânea, outros coreógrafos e bailarinos mergulharam na experiência com o corpo e movimento, considerando a experiência com o diferente abrindo inúmeras possibilidades para o novo. Assim surge a dança contemporânea. Neste sentido concordo com Garcia e Haas:

É uma dança que se cria e que se elabora a partir de uma exploração de movimentos, gerada por uma capacidade criativa cujo objetivo é sempre a descoberta do elemento novo, estético e condutor da essência do que deseja exprimir, expressar. Acrobacias, técnicas teatrais, elementos cênicos variados, expressividade, espaços inusitados, ousadia são algumas características que desapontam na dança contemporânea (2003, p.104)

Dessa forma, a dança contemporânea não define técnicas específicas, e nem um corpo ideal, porém amplia sua diversidade dialogando com outras artes, percorrendo caminhos na construção de um cenário expressivo e diversificado.

### **3.2.1 A dança no Brasil**

Como já citei no texto acima, a dança é uma das manifestações mais antigas vividas pelo homem. Mas como foi que a dança chegou ao Brasil? De acordo com minhas leituras, dados apontam para antes mesmo de o nosso país ser colonizado pelos europeus. O Brasil já dançava com os indígenas habitantes dos solos brasileiros, pois de acordo com Ellmerich:

Num ambiente que devia representar a terra selvagem, há pouco descoberta, 50 índios brasileiros, em companhia de mais de 200 indivíduos, todos nus, pintados e enfeitados à moda dos primitivos habitantes do Brasil, simularam uma luta entre tupinambás e tabajaras.” (1964, p. 108).

No século XIX com a chegada da família real portuguesa, a dança foi oficialmente integrada ao Brasil, onde realizavam inúmeros bailes na corte incorporando o costume pela dança. Sobre isso Gomes (2008)<sup>9</sup> escreve:

Em 1808, a corte portuguesa transferiu-se para cá e trouxe consigo muitos dos gostos e hábitos sociais europeus daquela época, inclusive as danças que estavam na moda e o costume dos bailes freqüentes. Durante todo o século passado, qualquer evento era motivo para um baile: aniversários, noivados, casamentos, formaturas, datas cívicas, visitas de parentes e amigos, etc.. Professores de dança europeus, especialmente os franceses, eram contratados para manter os membros da nobreza brasileira em dia com as danças que estavam na moda nas mais importantes capitais européias.

Figura 5 – Maria Oleneva



Fonte: [http://www.elianacaminada.net/galeria\\_teatro.htm](http://www.elianacaminada.net/galeria_teatro.htm)

Além disso, também no século XIX, conta-se com passagens de algumas companhias européias e russas que se apresentavam entusiasmando os brasileiros. O ballet chega oficialmente ao Brasil em meados do século XX com a bailarina russa Maria Oleneva (figura 5), que se muda para o país e monta sua própria companhia. Sobre isso, Portinari (1989, p. 240) escreve: “Maria Oleneva, radicou-se no Brasil. A

---

<sup>9</sup> Artigo retirado da internet: <http://www.danceadois.com.br/portal/cultura/um-pouco-sobre-a-historia-da-danca-de-salao-no-brasil.html>. Acessado: 22/10/2011 às 14h35min.

ela se deve a fundação de uma escola de dança, em 1927, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro”. Dentro da história do Ballet Brasileiro podemos ressaltar a companhia brasileira Ballet IV Centenário de São Paulo que, com um corpo coreográfico brasileiro, elaborou coreografias baseadas em temas folclóricos brasileiros.

A dança moderna Brasileira nasce com Maria Duchesne (figura 6) em 1940, trazendo ao Brasil os princípios da dança educativa de Laban:

Focando o seu trabalho na dança educativa e na dança coral. Sua carreira se estabeleceu mais como professora do que bailarina. A dança educativa para ela permite o esforço do corpo para se movimentar, a descoberta do espaço [...]. A partir de 1999, Duchesne, foi progressivamente interrompendo sua carreira devido a problemas de saúde. Com o seu trabalho formou diversos professores que ainda hoje trabalham com a dança educativa do método Laban<sup>10</sup>.

Figura 6 - Maria Duchesne



Fonte: <http://www.artelaban.blogspot.com/2008/08/maria-duschenes-magitex.html>

Nina Verchinina foi também uma das principais figuras da dança moderna brasileira. Se instalou no Brasil e divulgou na companhia do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Sua dança era chamada de dança moderna expressionista. No começo enfrentou dificuldades, mas anos depois seu trabalho foi reconhecido, pois o público brasileiro já estava aberto às tendências da dança moderna. Sobre isso Portinari escreve:

Com Nina Verchinina a dança moderna chegou ao municipal. Não sem dificuldades. [...]. Os bailarinos se estranhavam o tipo de exercício em que a

<sup>10</sup> Artigo retirado da internet: [http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda\\_2011\\_01.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_01.pdf). Acessado: 22/10/2011 às 15h54min

barra acadêmica era substituída por vigorosa ginástica no chão. a burocracia também estranhou. Quando Verchinina pediu dúzias de cobertores para que os bailarinos fizessem exercícios deitados, vários funcionários espionaram as aulas pelo buraco da fechadura. Desconfiavam de uma orgia em curso. Apesar deste e de outros entraves, a temporada de 47 assinalou experiências positivas. a companhia se familiarizou com o novo estilo.(1989, p.

A dança contemporânea ganhou seu espaço no Brasil no final da década de 60 com a companhia Ballet Stagium, sob a direção de uma húngara Marika Gidali e o mineiro Décio Otero, que utilizavam temas da realidade brasileira, utilizando inovações, com criar espetáculos que podiam ser apresentados em qualquer espaço. Remeto-me novamente Portinari quando:

Décio Otero e Marika Gidali estabeleceram uma linha integrada a realidade brasileira. [...] clássico na origem e nas aulas diárias, modernos por opção, mas, sobretudo ligado ao aqui e agora. [...] daí seu sucesso dentro e fora do país. Enquanto outras companhias dependem de espaços subvencionados, Stagium vai à luta. Dança do Oiapoque ao Chuí nos teatros municipais, em fabricas e escolas no Xingu( 1989, p.

Figura 7 - Cia. Deborah Colker



Fonte: <http://agendadedanca.blogspot.com/2009/08/4-por-4-cia-deborah-colker.html>

Assim podemos dizer que a dança no Brasil e em outros países percorreram sua trajetória modificando-se de acordo com as necessidades da sociedade e conquistando uma bagagem significativa onde se reflete em trabalhos de professores, coreógrafos e bailarinos que atuam na dança hoje.

## 4 DANÇA, EDUCAÇÃO E ARTE

Vivenciar a dança no âmbito escolar como uma linguagem que contempla o conhecimento com significados abrangentes, tanto para o aluno quanto ao professor. Esse talvez seja um dos desafios que serão tratados nos textos seguintes.

### 4.1 Dança na educação: de quem é a responsabilidade?

Minhas experiências no âmbito escolar com a dança sempre foram em participar de eventos proporcionados pela escola ou fora dela. Lembro-me que cabia ao professor de Educação Física<sup>11</sup> reunir o grupo e ensaiar em suas aulas ou fora delas. Minhas experiências enquanto aluna, vão ao encontro do pensamento de Morandi (2006, p. 78) quando escreve: “sua presença esteve relacionada principalmente às festividades escolares e/ou se deu na forma de atividades recreativas e lúdicas, não com intuito de promover o ensino, mas como instrumento para atingir os conteúdos de outras áreas.”

Devemos salientar que a partir da Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96 o ensino da arte é reconhecido como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica e que a dança é uma linguagem artística com conteúdos específicos incluída nos PCN de arte.

Mesmo assim, o ensino da dança na escola ainda gera muitas discussões e questionamentos, uma vez que é uma linguagem que aparece em duas disciplinas distintas: Arte e Educação Física. Desta forma, trago alguns questionamentos: quem deverá ensinar dança nas escolas? A disciplina de Arte? Educação Física? Os licenciados em dança?

Neste sentido procuro dialogar a partir das proposições dos diferentes documentos que norteiam as duas disciplinas no intuito de compreender as competências e conceitos de cada área.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física apresentam o conceito de cultura corporal, onde entende-se que “permite que se vivenciem diferentes práticas corporais advindas das mais diversas manifestações culturais [...]

---

<sup>11</sup> Utilizarei Arte e Educação Física com letras maiúsculas quando me refiro à disciplina e arte e educação física com letras minúsculas quando me refiro a área de conhecimento

as danças, esportes, lutas, jogos e ginástica compõe um vasto patrimônio cultural que deve ser valorizado, conhecido e desfrutado”. (BRASIL, 2000, p. 26-27).

Outro conceito apresentado por alguns autores da área é o da motricidade humana, onde o corpo que se movimenta no espaço e tempo, conhecendo suas possibilidades de movimentar-se de acordo com suas potencialidades (FERRAZ, 1996)<sup>12</sup>

Segundo os documentos da disciplina, o conteúdo da dança aparece no segmento de atividades rítmicas e expressivas. Na escola deve envolver a cultura corporal como uma possibilidade de conhecimento, valorização e desenvolvimento das habilidades motoras. Aprender características de diferentes movimentos e técnicas de execução, associadas ao ritmo e a expressão, desenvolvendo um conhecimento prático e teórico da motricidade humana. Remeto-me novamente ao PCN:

Por meio das danças e brincadeiras os alunos poderão conhecer as qualidades do movimento expressivo como leve/pesado, forte/fraco, rápido/lento, fluido/interrompido, intensidade, duração, direção, sendo capaz de analisá-los a partir destes referenciais; conhecer algumas técnicas de execução de movimento e utiliza-se delas; ser capazes de improvisar, de construir coreografias, e, por fim de adotar atitudes de valorização e apreciação dessas manifestações expressivas. (BRASIL, 2000, p.53)

Dessa forma, podemos perceber que a Educação Física como disciplina tem suas especificidades no que se refere à dança. Os estudos apontam para uma valorização do movimento, consciência corporal, atribuição de significados aos diferentes gestos dialogando diretamente com mecanismos biológicos do corpo.

Pois de acordo com os seus documentos, trabalhar a dança enquanto linguagem pressupõe do professor uma formação mais direcionada às especificidades da arte. Neste sentido o PCN aponta:

Este bloco de conteúdos inclui as manifestações da cultura corporal que têm como características comuns a intenção de expressão e comunicação mediante gestos e a presença de estímulos sonoros com referência para o movimento corporal. Trata-se das danças e brincadeiras. O enfoque aqui priorizado é complementar ao utilizado pelo bloco de conteúdo “Dança”, que faz parte do documento de Arte. O professor encontrará naquele documento, mais subsídios para desenvolver um trabalho de dança, no que tange aos aspectos criativos e a concepção da dança como linguagem artística (BRASIL, 2000, p. 51).

---

<sup>12</sup> Artigo retirado do site:<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo3.pdf>. Acessado: 22/10/2011 às 14h15min.

A partir dessa afirmação e em consulta ao PCN de Arte percebo que a mesma é tratada enquanto uma das linguagens expressivas. De acordo com o PCN de Arte: “no transcorrer do ensino fundamental, o aluno poderá desenvolver sua competência estética e artística nos diversas modalidades da Área de Arte (Artes Visuais, Dança, Música, Teatro)” (BRASIL, 2000, p. 53).

Os PCN de arte apresentam também, a linguagem da dança com conteúdos/objetivos/códigos almejando a “necessidade de experimentar o corpo não só para seu domínio, mas para construção de sua autonomia”.<sup>13</sup>

Quando nos expressamos, o corpo se manifesta de diferentes formas. É fundamental que tanto o professor de arte quando de educação física possibilitem que o aluno perceba seu corpo, investigando as possibilidades de movimentos, compreendendo que a construção de movimentos, gestos, sentidos, também é cultural e faz parte da vida e da história do homem. Remeto-me novamente aos documentos de arte: “por isso é importante que a dança seja desenvolvida na escola com espírito de investigação, para que a criança tome consciência da função dinâmica do corpo, do gesto, movimento como uma manifestação pessoal e cultural”.<sup>14</sup>

A dança como forma de conhecimento, de linguagem na arte é essencial partindo do pressuposto que historicamente acompanhou os diferentes movimentos/períodos artísticos. Causou ruptura, trouxe a presença do corpo como interlocutor para o ato criativo. Neste aspecto pensar a dança no espaço escolar remonta dialogar com os professores de Educação Física e Arte enquanto parceiros que unem suas áreas de conhecimento na possibilidade de aprendizagem/experiências significativas para o aluno. Remeto-me a Marques (2007, p. 24) quando escreve:

[...] há também conteúdos específicos que só se aprende fazendo e sentindo, sem intermediação das palavras (conhecimento direto). No caso da dança, o fazer-sentir nunca está dissociado do corpo, que é a própria dança. Para que se possa compreender e desfrutar estética e artisticamente a dança, portanto é necessário que nossos estejam engajados de forma integrada com o seu fazer-pensar..

Nesse aspecto, dançar é compreender e sentir o nosso corpo. Reconhecer as diferentes manifestações e estilos ao longo da história. Identificar os

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 67

<sup>14</sup> Ibidem, p. 69

ritmos, explorar o espaço, criar e sentir movimentos com ou sem estímulos sonoros: “pois no silêncio existem ritmos (internos e externos) que podem e devem ser explorados”. (BRASIL, 2000, p.69). Além dessas possibilidades muitas outras se fazem presentes no contato do aluno com essa linguagem, como a consciência das potencialidades do nosso eu, como fazedores de nossa história no sentido de “desenvolver seu olhar, fruição, sensibilidade e capacidade analítica, estabelecendo opiniões próprias” (BRASIL, 2000, p. 69)

Concordo com Morandi quando propõe:

O propósito da dança como forma de arte e expressão é justamente propiciar ao corpo “que dança” possibilidades diferenciadas de percepção e cognição, diferentemente do que ocorre com o corpo “na dança” da festa junina ou em outra festa qualquer. (2006, p. 90).

O pensamento de Morandi vai ao encontro dos estudos de Marques (2007, p. 25) que diz:

É por meio dos nossos corpos dançando, que os sentimentos cognitivos se integram aos processos mentais e que podemos compreender o mundo de uma forma diferenciada, ou seja, artística e estética. É assim que a dança na escola se torna distinta de um baile de carnaval ou de um ritual cartático: corpo que dança e o corpo na dança tornam se fonte de conhecimento sistematizado e transformador.

A partir disso é preciso repensar as práticas escolares históricas/culturais que veem na figura do professor de Educação Física o “ensaiador”<sup>15</sup> e no professor de Arte o “decorador” de eventos sociais promovidos pelas instituições. Fato que muitas vezes leva o aluno a exposição do corpo, sem significado de experiência estética. A dança com passos regrados, estereotipados, representando modismos da mídia que pouco contribuem para o alcance dos objetivos propostos para as duas disciplinas de acordo com os documentos norteadores.

Ao pensarmos a dança como linguagem artística devemos ter o cuidado de propor a mesma como uma forma de conhecimento e não apenas como aquisição de habilidades. Remeto-me ao PCN de arte que diz:

---

<sup>15</sup> Utilizo os termos ensaiador e fazedor entre aspas no texto para destacar a banalização das funções dos professores de Arte e Educação Física na escola. O termo ensaiador refere-se ainda ao fazedor, aquele que apenas repete ações deliberadas por um sistema ou currículo.



Ao planejar as aulas, o professor deve considerar o desenvolvimento motor da criança, observar suas ações físicas e habilidades naturais. Deve estimular a pesquisa consciente a fim de ampliar o repertório gestual, capacitar o corpo para o movimento, dar sentido e organização às suas potencialidades. Deve estimular o aluno a reconhecer ritmos corporais e externos, explorar o espaço, inventar seqüências de movimento, explorar sua imaginação, desenvolver seu sentido de forma e linha e se relacionar com os outros alunos buscando dar forma e sentidos às suas pesquisas de movimento. Esses são elementos básicos para introduzir o aluno na linguagem da dança. (BRASIL, 2000, p. 68)

Dessa forma, podemos perceber que a dança é uma área significativa do conhecimento assim como as demais linguagens, pois a arte é uma forma de nos expressarmos e desenvolvermos nossas potencialidades humanas e a relação com o mundo, uma vez que: “uns se manifestam pela música, pelo teatro, outros pela poesia. Há aqueles que se expressam pelas artes plásticas e outros a ainda pela dança. Assim fica claro que a dança vem da necessidade de comunicar algo” (STRAZZACAPPA, 2001, p.40).

Muitos professores de Arte e também de Educação Física acreditam que para trabalhar a dança na escola deve-se ter a formação em dança, pois se sentem despreparados para propor um trabalho significativo com essa linguagem. Sabemos que já existem alguns cursos superiores de licenciatura em dança no Brasil, segundo MORANDI (2006), são aproximadamente 15 licenciaturas espalhadas em todo o país. Esse dado revela que são poucos os profissionais efetivamente habilitados para essa linguagem. Mas, aí vem uma nova pergunta: haveria a disciplina de dança na escola? O professor habilitado em dança ministraria as aulas de arte? Conseguiria explorar os códigos de Artes Visuais, Música e Teatro?

Essas discussões estão presentes no que tange a lei que dá obrigatoriedade a música nas aulas de arte<sup>16</sup>.

No entanto é importante considerar que a atuação da dança como disciplina autônoma ainda não é reconhecida, sendo que a habilitação desses profissionais no campo da educação formal é restrita. “o panorama da licenciatura em Dança ainda consiste num curso que forma profissionais para atuação no campo escolar, porém sem campo escolar para atuar”. (MORANDI, 2006, p. 93). Dessa

---

<sup>16</sup> Lei 11.769/2008 – obrigatoriedade da música nas aulas de arte. De acordo com Cap. 26 § 6º da LDB diz: A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo do componente curricular de que trata o parágrafo 2º deste artigo.

forma podemos perceber que a realidade no ensino da arte no Brasil é o professor habilitado em Educação Artística e/ou Artes Visuais.

De acordo com as Leis de Diretrizes e Bases nº 9.394/ 96 traz que: “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (Título V, cap. II, Art. 26 § 2º). A partir dessa lei, podemos perceber que o ensino da arte deve promover o desenvolvimento cultural do aluno. Mas como o aluno se desenvolverá culturalmente em apenas uma linguagem, geralmente fruto da formação do professor?

Devemos ressaltar que a arte contemporânea hoje, contempla uma pluralidade de estilos, de linguagens, contraditórias e independentes convivendo num paralelo, conversando com o mundo. “Na arte contemporânea, a gama de fenomenologia da tipologia da obra alargou-se enormemente, ligando-se dimensionalmente ao ambiente e a vivência”. (CRISPOLTI, 2004, p. 142). Dessa maneira a arte contemporânea se caracteriza pelo hibridismo, pois a mesma é formada por diferentes linguagens que se juntam para formar e trazer novas concepções, como a performance, instalação e videoarte...

São muitas as linguagens que fazem parte da arte. Pensando neste contexto artístico e cultural diversificado e na perspectiva de auxiliar no desenvolvimento cultural do aluno ao longo de sua formação, é necessário possibilitar ao mesmo vivenciar, experimentar e apreciar as diferentes possibilidades, pois não é possível ter experiência em apenas uma para ler e se relacionar com o mundo. Dessa forma o professor deve refletir sobre sua prática docente, no intuito de participar de formação continuada, independente de sua área de formação, proporcionando ao aluno e também a ele mesmo o desenvolvimento estético e cultural.

## **4.2 A formação do professor de arte e o ensino da dança**

De acordo com Morandi:

Os cursos de educação artística possuem em sua grade curricular, disciplinas um número maior de disciplinas em ligadas às artes visuais, comparativamente às outras linguagens. Uma disciplina denominada “expressão corporal, ou algo similar, desenvolvida em um ou dois semestres apenas, é normalmente consta nesses cursos. (2006, p. 87)

A partir da citação de Morandi, remeto-me à minha formação acadêmica no curso de Artes Visuais – Licenciatura na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Sou acadêmica da grade curricular, matriz 3<sup>17</sup>. De acordo com a citação do autor, realmente a maioria das disciplinas são ligadas ao campo visual, onde o contato com as outras linguagens ocorre com uma disciplina denominada Expressão Teatral ligada à linguagem do teatro e, Expressão Musical à linguagem da música, sendo as duas optativas. Na matriz 04, as disciplinas já entram para o currículo, evidenciando a Música, o Cinema, o Teatro com potência nas Artes Visuais. Linha de formação do curso. Porém a dança ainda não é contemplada no currículo. No entanto na disciplina de Expressão Teatral, pude vivenciar alguns elementos da dança, onde me despertou o olhar para as possibilidades de trabalhar a mesma em sala de aula.

Devo ressaltar que o Curso de Artes Visuais licenciatura da Universidade do Extremo Sul catarinense vem se moldando ao longo desses anos na tentativa de oferecer aos seus acadêmicos um olhar significativo no que se diz respeito ao ensino da arte. Dessa forma proponho este estudo também para fortalecer a concepção e a necessidade da dança na grade curricular do Curso.

O contato com as diferentes linguagens é fundamental para construção de uma bagagem estética na formação de profissional na área de arte. Mas é primordial que o professor não se conforme com sua primeira formação. A busca deve ser constante para o aprimoramento de suas práticas docentes, pois os mesmos devem ser agentes reflexivos e eternos pesquisadores ampliando seu repertório estético. Para isso é necessário que o professor se alimente, participe de cursos de formação continuada e vivencie experiências nos mais diversos campos da arte. Pois, segundo Freire, a formação do professor “é uma construção contínua e integrada”, (1999, p.86), ou seja, o profissional não deve restringir sua formação apenas ao tempo que passou dentro da universidade. O pensamento de Freire vai ao encontro do que a Proposta de Santa Catarina escreve sobre a função do professor:

É indispensável que o professor tenha domínio do saber, que busque a ampliação dos conhecimentos de maneira contínua, no que diz respeito à história da arte, que desenvolva a reflexão estética e as possibilidades de leitura

---

<sup>17</sup> disponível no site da UNESC: <http://www.unesc.net/nossoscursos> .

das manifestações artísticas e culturais. O professor deve, ainda, ter habilidade técnica e vivência artística, pesquisar novas formas de aplicação; enfim, deve participar de todo o processo artístico (1998, p.187).

Ampliar o repertório estético é vivenciar, experimentar, contemplar e estar aberto para novas possibilidades. Pois, como podemos afirmar que não gostamos de algo se nem mesmo vivenciamos? “É necessário que o professor seja um ‘estudante’ fascinado por arte, pois só assim terá entusiasmo para ensinar e transmitir aos seus alunos a vontade de aprender.” (IAVELBERG, 2003, p.11). Dessa forma o aprendizado se torna mais interessante e significativo.

## 5 ANÁLISE DE DADOS

Conforme delineada na metodologia da pesquisa, a análise de dados foi realizada a partir do olhar de quatro professores de arte que compõem o quadro funcional da rede municipal de Siderópolis/SC.

Dos cinco professores que lecionam arte na rede municipal, entrevistei quatro, pois em função de motivos particulares um professor não pode me conceder a entrevista. Dessa forma analiso quatro entrevistas que servem de base para perceber como a dança é vista e trabalhada no ensino de arte na rede municipal.

Quando se realiza uma pesquisa de campo, com instrumento de entrevistas, envolvendo diferentes sujeitos, precisamos formular estratégias para pode revelar em sua essência as respostas coletadas. Assim, muitas são as formas de identificar os sujeitos envolvidos, porém esta deve ocorrer de uma forma imparcial para não comprometer os envolvidos e principalmente a pesquisa. Dessa forma, para preservar a identidade dos professores envolvidos utilizarei nomes fictícios escolhidos pelos professores no momento da entrevista. Esses nomes garantem o sigilo e preservação de suas identidades, dando mais liberdade e autenticidade às respostas. Por assim ser, nomeio os protagonistas da minha pesquisa como: Alexandre, Leão, Zana e Maria, destes um homem e três mulheres.

O roteiro de entrevista transcorreu como uma conversa, das quais tive alguns tópicos que foram sendo desenvolvidos à medida que algumas temáticas foram abordadas pelos professores. Vale ressaltar que todos os tópicos da coleta tiveram um único sentido: buscar recolher informações para contraponto teórico que dialogasse diretamente com meu problema de pesquisa, que busca compreender: **em que medida os professores de arte da rede municipal de Siderópolis trabalham os conteúdos da linguagem da dança em suas aulas?**

Para tanto foram abordados em média treze questões/temáticas. Inicialmente discorro sobre a área de formação. Dos quatro professores, Alexandre, Leão e Maria têm sua formação base em licenciatura de arte. A professora Zana está cursando a terceira fase do curso de Arte por uma faculdade à distância. Dois deles têm pós-graduação, a professora Maria na área de interdisciplinaridade e a professora Leão em ensino de arte.

Dos quatro professores, três trabalham há mais dez anos na rede municipal, sendo que apenas a professora Zana leciona há oito meses.

Os professores Alexandre e Zana trabalham com o segmento de Educação Infantil. Já Maria e Leão trabalham da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Quando questionados se participam de formação continuada, as maiorias dos professores pontuam que participam. Apenas a professora Zana respondeu que não participa por falta de tempo. Pude perceber dentre as respostas dos professores que os desejos pela formação continuada, nem sempre são para agregar conhecimentos, mas sim especificamente para promoção profissional, o que também é válido, no entanto não pode ser o único objetivo. Destaco a fala da professora Maria que diz: *“Eu fiz cursos mais porque a gente tem promoção por mérito, então a gente se interessa mais em fazer os cursos”*.<sup>18</sup>

De acordo com a LDB 9.394/96 (art.67, do Título VI, inciso II) consta que:

Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: [...] II – aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim.

Outro ponto importante, é que nas falas dos professores, não se evidencia programas de formação continuada oferecidos pela Secretaria de Educação do município, o que se revela na fala do professor Alexandre: *“quando acontece, eu sempre participo”*. As Leis de Diretrizes e Bases asseguram que para o profissional da área de educação, a formação continuada deve ser promovida pelo sistema de ensino, porém o professor também deve procurar se atualizar, buscar novos espaços tornando-se um profissional comprometido com suas práticas e formação.

O próximo momento da entrevista transcorreu para o planejamento. Em nossa conversa perguntei quais materiais os professores utilizam para elaborar suas aulas. Leão, Maria e Alexandre pontuam que se baseiam em livros didáticos adquiridos por eles. Utilizam também a internet como fonte de pesquisa. Zana destaca que suas aulas têm a predominância do fazer. De acordo com sua resposta:

---

<sup>18</sup> Opto por identificar a fala dos professores em itálico e entre aspas evidenciando a narrativa de cada autor entrevistado. Esse procedimento estende-se por todo o capítulo de análise de dados.

*“eu trabalho mais com guache. Procuro deixar que os alunos criem, às vezes eu dou material para eles e deixo com que eles desenvolvam o trabalho em cima daquilo”.* A partir das respostas é possível perceber que não há uma consonância nas práticas pedagógicas dos professores da rede. Um fato relevante que não é revelado nas falas são os documentos curriculares oficiais, como PCN, Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, Proposta Curricular do Município, dentre tantos outros autores que dialogam sobre as diretrizes do ensino de arte.

De acordo com Martins, Picosque e o Guerra:

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte: “São Características desse novo marco curricular as reivindicações de identificar a área por arte [...] e de incluí-la na estrutura curricular como área com conteúdos próprios ligados á cultura artística, e não apenas como atividade (1998, p. 13).

Neste momento retomo uns dos capítulos de minha pesquisa, que nos aponta as reflexões sobre linguagem, que como manifestações de signos auxiliam na socialização e comunicação do homem com o mundo. Neste sentido com intuito de saber o que os professores entendem por linguagem e as compreendem, proponho a pergunta: O que você entende por linguagem?

Os professores Alexandre e Maria apresentam o mesmo pensamento sobre linguagem, acreditam que a mesma está presente em nosso cotidiano. Apresentando em suas falas uma percepção estética mais evidenciada no que se diz respeito à linguagem visual. Destaco a fala do professor Alexandre que diz: *“Acho que a linguagem, linguagem visual, o que mostra uma apresentação no papel, visual de uma propaganda, de um outdoor, de tudo o que tu vê pela frente, um anúncio, de tu entenderes aquilo ali”.*

Leão e Zana destacam a linguagem como técnica ou material utilizado para desenvolver uma produção artística. Destaco a fala de Leão: *“Eu vejo a linguagem assim, vamos dizer a pintura a óleo, a linguagem em óleo, acrílica, usou sucata”.*

Ao analisar as respostas dos professores percebe-se que a construção da ideia e a apropriação do que é linguagem ainda precisa ser discutida e aprofundada. Pois de acordo Martins, Picosque e Guerra:

Pode-se dizer que linguagem é um sistema simbólico e toda linguagem é um sistema de signos. Somos rodeados por ruidosas linguagens verbais e não-verbais – sistemas de signos – que servem de meio de expressão e comunicação entre nós humanos [...] (1998, p.37)

Dessa forma, faz-se necessário que o professor compreenda de forma ampla o conceito de linguagem já que arte se constrói através de diferentes linguagens que são formadas com códigos e signos específicos, como as artes visuais, a música, o teatro e a dança, citados no decorrer dessa pesquisa.

Dando continuidade a entrevista, pergunto: Você consegue trabalhar as diferentes linguagens da arte (artes visuais, música, teatro, dança) no decorrer do ano letivo?

Ressalto aqui as respostas dos quatro professores. A professora Maria aponta: *“Eu trabalho a linguagem assim, através dos estudos das cores, releitura das obras, história da arte. E as linguagens assim como a dança e a música é mais difícil eu trabalhar”*. Já a professora Leão responde: *“Eu tenho mais facilidade de trabalhar a história da arte, quando eu vejo as pinturas, as telas eu sei identificar quando é surrealismo, impressionismo, fuvismo, cubismo, porque a gente vê as características de cada uma”*. A professora Zana traz um contraponto: *“Não. Mais é o caderno de desenho. Agora no final do ano nós vamos entrar em música, trabalhar com a música”*. O professor Alexandre argumenta: *“a gente tem tanta coisa no dia a dia que não dá para trabalhar tudo, não tem como, é difícil”*.

Percebo dentre as respostas dos professores que há inconstâncias entre as concepções sobre linguagem. Alguns a entendem como conteúdos específicos e não como linguagem, onde cada uma tem suas especificidades que auxiliam o homem a se manifestar, transmitir, comunicar e se relacionar como mundo. De acordo com o PCN (BRASIL, 2000) o ensino da arte é dividido por quatro linguagens com seus conteúdos.

Outro fato relevante que se destaca dentre as respostas é o professor propor em suas práticas pedagógicas apenas um conhecimento que o mesmo domina, geralmente fruto de sua formação. O professor proporciona a pintura porque sabe pintar, desenho, porque gosta do desenho.... Devemos ampliar nosso olhar para novas possibilidades na construção de um repertório amplo e sólido onde possa ser oferecido ao seu aluno um olhar significativo em relação ao ensino e aprendizagem em arte. Recorro a Oliveira que escreve:



Ao limitar-se ao ensino da Arte apenas em uma linguagem nas escolas ou, na melhor das hipóteses, pelo ensino de cada linguagem em momentos distintos no processo de aprendizagem, ou seja, em séries diferentes (mutidisciplinariedade), verifica-se a existência de dois problemas, o primeiro mais forte que o segundo: o aluno conhecer apenas uma linguagem artística, geralmente visual; ou conhece distintas linguagens sem estabelecer relações entre elas, de modo que o conhecimento de uma área não contribui para o aprendizado das demais. (2008, p.80)

Tendo como foco da minha pesquisa a dança, passo a questionar os professores sobre essa linguagem em específico. No primeiro momento pergunto: O que é dança para você?

A professora Leão aponta a dança como uma atividade física que ajuda a manter o corpo em forma e a saúde. O professor Alexandre aponta: “*o movimento do corpo, apresentação. Usar o corpo*”. Já a professora Zana mostra uma concepção mais relevante sobre a dança enquanto linguagem: “*É a expressão do corpo, expressão do que você sente. Você dança o que você sente*”. A professora Maria argumenta: “*A dança é uma das linguagens da arte é uma forma de arte, só porque eu vou ser sincera, eu não trabalho a dança.*”

De acordo com as falas dos professores é possível perceber que as concepções sobre dança discorrem sobre os conceitos de linguagem. Há de forma geral, uma compreensão sobre sua importância e abrangência na formação cultural dos sujeitos. No entanto, complemento o questionamento com a pergunta: Você tem dificuldades para trabalhar essa linguagem na sala de aula? Quais?

Para as professoras, Leão e Maria trabalhar a dança em sala de aula é difícil pelo fato de não terem aprendido a mesma durante a graduação. Já a professora Zana atrela a dificuldade no fato de dar aula para crianças, acredita que seria mais fácil com jovens e adulto. De acordo com sua resposta: “*Tenho principalmente as turmas que eu peguei. Porque acredito que se fossem turmas de jovens e adultos, seriam mais fácil, eles entenderiam mais a linguagem*”.

Alexandre comenta: “*Às vezes eu trabalho. Coloco um som, agora estamos trabalhando um projeto do movimento do corpo. Então utilizo o som, eles fazem movimento, uma dancinha, assim com ritmo, a gente faz alguma coisa com a música*”.

Ao analisar as respostas dos professores percebo que alguns atribuem o não desenvolvimento da dança em seus planejamentos por não terem disciplina na formação acadêmica, no entanto, retomando a LDB, é importante ressaltar que

compete aos órgãos públicos, assim como aos próprios educadores a formação continuada em exercício. Nesse sentido, destaco a necessidade de ampliarmos nosso repertório no intuito de promover aos alunos experiências em diferentes linguagens e que sejam significativas. O professor deve ser constantemente um pesquisador no ensinar e aprender arte, para tornar cada vez mais suas aulas inovadoras e provocativas. Remeto-me a Pimenta e Lima (2004, p. 41) que escrevem: “a universidade é por excelência o espaço formativo da docência de qualidade e a pesquisa é o [único] caminho metodológico para esta formação”

Outro fato relevante é destacar como a dança na escola muitas vezes é trabalhada como o fazer por fazer, sem uma apropriação dos códigos específicos que a mesma compreende. É necessário ressaltar que precisamos delinear objetivos claros para sua utilização nas aulas de arte, compreendendo que todos os segmentos podem ter contato com a dança, indiferente da faixa etária. Aliar a dança com diferentes linguagens, como a música, as artes visuais ou mesmo o teatro pode enriquecer ainda mais as aulas, possibilitando que os alunos se apropriem de diferentes conceitos. De acordo com o PCN:

A atividade da dança na escola pode desenvolver na criança a compreensão de sua capacidade de movimento, mediante um maior entendimento de como seu corpo funciona. Assim poderá usá-lo expressivamente com maior inteligência, autonomia, responsabilidade. (BRASIL, 2000, p. 67)

A próxima pergunta da entrevista foi a seguinte: Você acredita que é necessária a formação em dança para propor os conteúdos dessa linguagem em sala de aula? Alexandre e Zana acreditam que é necessária e importante a formação em dança. Destaco a fala de Alexandre que diz: “*Sim, tem que ter um estudo, tem que ter uma formação. Porque não é qualquer um que pode dar dança não*”.

Para Leão e Maria apontam que não é necessária uma formação, mas cursos que auxiliem e incentivem o professor a trabalhar a linguagem da dança na escola. Destaco a fala de Leão que diz: “*Sim, principalmente nesses cursos de formação continuada, porque os cursos que tem são de teatro, música, artes plásticas, sobre dança não tem. Todo o curso que eu fui, sobre dança nunca teve. Essa é a dificuldade da maioria dos professores de arte*”.

Percebo que dentre as respostas analisadas é preciso a construção de um olhar mais significativo ao que se refere à dança enquanto linguagem da arte. Pois muitos professores percebem a dança com uma visão tecnicista, onde é necessária a formação com profissional para poder proporcionar a dança aos seus alunos em suas aulas. A dança enquanto linguagem da arte proporciona aos alunos a possibilidade de expressarem-se através dos movimentos utilizando o corpo com autonomia e criatividade sem pretensão de formar bailarinos. Não me reporto aqui à desqualificação do profissional, ao contrário, é importante ressaltar que são poucos os cursos de graduação no país, no entanto, estes seriam os profissionais ideais para desenvolver propostas em dança. No entanto, este aspecto ressalta uma discussão antiga, sobre as diferentes linguagens no currículo e a necessidade de um professor habilitado para cada área de atuação. Sou favorável a essa demanda, no entanto, enquanto não tivermos essa mudança, nossos alunos serão negados essa linguagem no currículo, como uma atividade de conhecimento?

De acordo com Marques:

Os alunos já não mais apreendem o mundo somente por meio de palavras, mas principalmente das imagens e dos movimentos. A dança com via de educação do corpo criador e crítico, torna-se praticamente indispensável para vivermos presentes, críticos e participantes na sociedade. (2007, p. 25-26).

Para finalizar minha entrevista questiono: Você conhece os conteúdos da linguagem da dança?

A professora Maria aponta: *“Bem pouco, mas quando eu vou trabalhar algum assunto da história da arte que envolve a dança, como era a dança na época, a dança agora, mas nas aulas das séries iniciais não sei, porque talvez quando eu me formei eu não vi nada sobre dança, praticamente nada sobre esse tipo de linguagem, era mais a pintura.”* A professora Leão comenta: *“Não, não conheço mesmo. Não aprendi na faculdade e não sei os conteúdos. Na época nosso curso era de três anos, hoje e de quatro anos tem muitas cadeiras que não aprendi”* A professora Zana destaca: *“não, porque minha faculdade ainda não entrou na matéria específica de arte. Entrei dando aula, assim vou buscando e pesquisando.”* E por último o professor Alexandre: *“alguns...mas ai tem que ter formação, porque a gente sempre faz outros trabalhos e com dança tem que ser uma pessoa que entende da*

*área. a gente deveria trabalhar tudo, música, dança, mas não dá tempo para tudo, é muita coisa”*

Percebo dentre as respostas dos professores a necessidade e o desejo dos mesmos em uma reflexão no que se diz respeito aos documentos que regem a disciplina. São relevantes as diretrizes apresentadas por esses documentos uma vez que nos apontam a importância e as possibilidades de trabalhar as diferentes linguagens na sala de aula.

A dança, assim como outras linguagens é formada de códigos específicos e assim para que o professor possa propor a mesma em sala de aula é importante que os conheça e também possa experimentá-los.

Analisando as respostas dos professores pude perceber que a dança é concebida a partir de diferentes metodologias. O trabalho com a linguagem ainda não é sistêmico com poucos diálogos nas possíveis relações com as demais linguagens artísticas.

Não estou buscando culpados, nem me ousando a propor uma fórmula para propostas de dança na escola, no entanto, compreendendo sua relevância, abro como possibilidade um projeto de extensão destinado a professores que queiram ampliar suas práticas, dividir angústias e experimentar as possibilidades da dança em seus planejamentos.

## **5.1 Projeto de Extensão**

**Título:** A dança nas aulas de arte: uma proposta de formação continuada

**Ementa:** A dança enquanto linguagem da arte. Possibilidades estéticas da linguagem da dança nas aulas de arte. Dança e conteúdos específicos.

**Carga horária:** 20/h

**Público-alvo:** Professores de arte com formação em diferentes linguagens.

**Justificativa:** Conforme percebido ao longo desta pesquisa a arte é representada nos documentos oficiais a partir da ótica de quatro linguagens: Artes Visuais,

Música, Teatro e Dança que proporcionam ao sujeito diferentes possibilidades e experiência estética e sensorial.

Partindo dos estudos e refletindo sobre os dados coletados na investigação, percebo a ausência de práticas pedagógicas em arte que estimulem a vivência da dança, muitas vezes relacionadas a formação insuficiente, desde graduação a cursos de formação continuada. Dessa forma, proponho um projeto de extensão que vai ao encontro do problema inicial minha pesquisa, com o objetivo de promover uma reflexão significativa visando contribuir na realidade observada.

O projeto que proponho permite aos professores um contato maior com os conhecimentos artísticos e conteúdos específicos que envolvem a linguagem da dança, possibilitando a construção de um repertório mais amplo, contemplando o conhecimento estético e cultural do sujeito.

**Objetivo Geral:** Proporcionar vivências e reflexões sobre a linguagem da dança promovendo a ampliação de repertório e a percepção dos diferentes códigos que a compõe.

**Objetivos específicos:**

- Reconhecer a dança enquanto linguagem;
- Identificar os conteúdos específicos da linguagem da dança;
- Reconhecer a história da dança e suas relações com as artes visuais;
- Estimular vivências com foco na expressão corporal e no movimento significativo;
- Desenvolver e realizar exercícios com ênfase no corpo, gestos e movimentos.

Tabela 1 – Cronograma dos encontros

Encontro	Horário	Carga horária	Proposições
1º	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação da proposta;</li> <li>• Dinâmica de apresentação;</li> <li>• Definições sobre arte, linguagem e dança;</li> <li>• Dança e retomada histórica:               <ul style="list-style-type: none"> <li>- Breves recortes sobre a história da dança no mundo e no Brasil.</li> <li>- A dança na história das Artes Visuais.</li> <li>- Apreciação estética de diferentes imagens (fixas e móveis) da dança na pintura, escultura, gravura...</li> </ul> </li> <li>• Breve explanação sobre os documentos curriculares e os conteúdos específicos da linguagem da dança.</li> </ul>
2º	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise dos documentos oficiais curriculares de Educação Física e de Arte. As especificidades da dança nas diferentes disciplinas.</li> <li>• Possibilidades interdisciplinares.</li> </ul>

3º	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A dança na escola: possibilidades possíveis;</li> <li>- Relato de experiências a partir de propostas com a dança;</li> <li>- Laboratório de criação: os jogos, o movimento e o corpo na dança.</li> </ul>
4º	18h às 22h	4h/a	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Laboratório corporal: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação de espetáculos (vídeos), onde o corpo é evidenciado, mostrando trechos onde exista uma espetacularidade do corpo na dança.</li> <li>- Realização de experiências com jogos teatrais.</li> <li>- Realização de experiências como concentração, percepção, fidelidade nos gestos, explorando o tempo, ritmo e espaço e estimular o trabalho em grupo.</li> <li>- Realização de experiências com exercícios promovendo situações diferentes e conhecendo os movimentos do corpo, estimulando o processo de improvisação (dança-teatro)</li> <li>- Como desafio os professores deverão pensar em uma pequena coreografia a partir dos exercícios vivenciados. Será evidenciada a importância da criação do cenário, do</li> </ul> </li> </ul>

			figurino e da maquiagem dialogando com a linguagem das artes visuais.
5º	18h às 22h	4h/a	<p>Cada professor apresentará sua coreografia de improviso. Após apresentação será realizada um conversa informal para refletir sobre a experiência vivenciada a partir dos elementos dança.</p> <p>- Avaliação do curso e dinâmica de encerramento</p>

Fonte: Acervo da Pesquisadora



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o findar dessa pesquisa, percebo que os resultados obtidos foram relevantes, pois possibilitou encontrar respostas para o problema que despertou o desejo por esta pesquisa, tendo como objeto investigar: em que medida os professores de arte da rede municipal de Siderópolis trabalham os conteúdos da linguagem da dança em suas aulas.

Destaco minhas considerações apoiada em diferentes autores que dialogam com a fala dos professores e meu desejo de pensar a arte – dança – enquanto uma área abrangente, significativa e necessária para o desenvolvimento humano. É fundamental que os alunos, assim como todos os sujeitos tenham experiências significativas com as diferentes linguagens, sem mensurar a importância de uma ou de outra. Essas experiências oportunizam o desenvolvimento cultural, estético, sensível e necessário na formação humana.

Em relação aos professores de arte entrevistados, fica claro que o processo e as compreensões em sua formação são mutáveis, possivelmente por termos uma trajetória ainda curta dentro da educação, se comparada a outros campos de conhecimento. Os registros e processos avaliativos tem se constituído na medida em que os professores se mobilizam, reivindicam e registram suas práticas, oferecendo subsídios para a qualificação de nosso ensino. Isso se torna ainda mais claro no processo de propor experiências em dança.

A partir do olhar dos professores entrevistados percebe-se a necessidade de cursos e formações que oportunizem embasamento teórico e prático da linguagem da dança e os seus conteúdos específicos, já que muitos não conseguem reconhecer a dança enquanto uma linguagem da arte, reportando as responsabilidades para os profissionais de Educação Física. Na visão dos professores entrevistados, trabalhar a dança em suas aulas é tarefa difícil, já que vivenciaram a mesma em suas formações, dando ênfase a necessidade de uma formação em dança para propor a mesma na escola. Esse fato demonstra a necessidade de cada vez mais possibilitarmos propostas de formação no diferentes campos da arte, favorecendo o contato e a experiência estética. É necessário nutrir os profissionais para que haja planejamentos que contemplem as diferentes linguagens.

Outro ponto relevante desvelado a partir dessa pesquisa é a necessidade de compreender as competências e habilidades previstas nos documentos curriculares que norteiam a educação para a construção dos planejamentos. Os PCN, Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina, Proposta Curricular do Município e PPP são documentos importantes para auxiliar o professor em suas práticas docentes, para que as mesmas sejam desempenhadas com fundamentos e objetivos concretos.

Comungo com a ideia de que é essencial, que o professor possibilite ao aluno o contato com as diferentes linguagens da arte proporcionando ao mesmo um desenvolvimento cultural nas diferentes manifestações temporais. Neste sentido é primordial que ao desenvolver a dança enquanto linguagem da arte na escola o professor tenha um conhecimento básico dos códigos existentes nesta linguagem para que seus alunos consigam se apropriar de forma significativa de novos conhecimentos.

É importante pensar também em práticas que ampliem a possibilidade da dança articulada somente às datas festivas do calendário escolar, desarticulando a ideia de dança somente como espetáculo, distante do convívio das diferentes crianças e adolescentes.

No entanto, entendo que é difícil propor algo que não conhecemos, mas devo salientar que vivenciar e experimentar novas possibilidades com diferentes manifestações da arte é importante para ampliação de repertório, tanto do professor quanto do aluno. Assim, o professor deve ser um pesquisador contínuo, na busca de novos repertórios aprimorando sua prática docente constantemente.

Dessa forma, proponho as possibilidades de parcerias com o professor de Educação Física e Arte, assim como outras disciplinas. No caso do professor de educação Física, este, em sua maioria teve em sua formação, disciplinas voltadas à corporeidade, que contemplam a cultura corporal do movimento, envolvendo o conhecimento, a valorização e o desenvolvimento das habilidades motoras. A dança enquanto linguagem faz o corpo se expressar manifestando diferentes formas de compreender e sentir o mesmo em uma conexão com o espaço ao seu redor. Neste sentido, os professores de Arte e Educação Física podem unir suas áreas de conhecimento em projetos interdisciplinares com intuito de oferecer aos seus alunos possibilidades de vivência da dança a partir das especificidades de cada área de conhecimento construindo uma aprendizagem significativa.

Contudo finalizo essa etapa, sem a pretensão de destacar deficiências nas aulas dos professores de arte, pois esse não é o foco de minha pesquisa. Porém há uma grande necessidade de pensar e construir novos conceitos em torno do ensino da arte, em especial na linguagem da dança, pois a compreensão dos professores sobre a dança enquanto uma linguagem distancia-se dos estudos propostos pelos autores destacados nesta pesquisa.

Por fim, mesmo que esta etapa seja concluída, novos questionamentos surgem ao que diz respeito à dança na escola, pois um problema de pesquisa pode e deve gerar novos anseios, e novas pesquisas. Esta é somente uma parcela que propõe recortes reflexivos em torno da dança no ensino da arte, que venham novos pesquisadores para experiências outras....

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Débora. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidade na escola.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- BRASIL, Linguagens, Códigos e Tecnologias. Secretaria de Educação básica. **Conhecimentos de Arte.** Brasília: Ministério da educação, Secretaria da Educação básica, 2006. Vol 1. p.167-209
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte.** 2ª ed. Brasília: DP&A, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte.** 2ª ed. Brasília: DP&A, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Proposta curricular de Santa Catarina:** educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, (disciplinas curriculares). Florianópolis: Secretaria de Educação e do Desporto, 1998.
- BUORO, Anamelia Bueno. **Olhar em construção:** uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 2003.
- COLI, Jorge. **O que é arte?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CRISPOLTI, Enrico. **Como estudar a arte contemporânea.** Lisboa: Estampa, 2004
- ELLMERICH, Luis. **História da Dança.** 3. ed. São Paulo: Ricordi, 1964.
- FREIRE, Adriani. Formação de educadores em serviço: construindo sujeitos, produzindo singulares. In: KRAMER, Sonia. **Infância e educação infantil.** Campinas: Papyrus, 1999. p.77-100
- FUX, Maria. **Dança experiência de vida.** 2 ed. São Paulo: Sumus, 1983.
- GAIGER, Paulo. **A escola, o corpo, o teatro uma fotografia no deserto.** In: Congresso Nacional de Reorientação Curricular. 2 ed. Blumenau: Edifurb, 2000.
- GARAUDY, Roger. **Dançar a vida.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GARCIA, Ângela; HAAS, Aline Nogueira. **Ritmo e dança.** Canoas, RS: ULBRA - Universidade Luterana do Brasil, 2003.
- GARCIA, Regina Leite. **Múltiplas linguagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A,2000.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: OLIVEIRA, Sandra Ramalho e; MAKOWIECK, Sandra (Orgs). **Ensaio em torno da Arte.** Chapecó: Argos, 2008. p.55-74

\_\_\_\_\_; OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Museu educação e cultura.** Campinas: Papirus, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÈ, Mali Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa.** São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola.** 4ª Ed. São Paulo: Cortes, 2007

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer a arte.** São Paulo: FTD, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORANDI, Carla. O descompasso da dança e da Educação Física In: STRAZZACAPPA, Márcia MORANDI, Carla (Orgs). **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança,** SP: Papirus, 2006, p. 95-113

NANNI, Dionísia. **Dança educação: pré-escola à universidade.** 3.ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. Relações entre 'Linguagens'. In: OLIVEIRA, Sandra Ramalho e; MAKOWIECK, Sandra (Orgs). **Ensaio em torno da Arte.** Chapecó: Argos, 2008. p 75–97.

OSSONA, Paulina. **A educação pela dança.** São Paulo: Summus ed., 1998.

PADOVAN, Maurizio; PRINA, Federica Calvino. **A dança no ensino obrigatório.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

PORTINARI, Maribel. **História da dança.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

PIMENTA, S.G; LIMA, M.S.L. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **O ensino de arte e sua pesquisa.** In: NAZARIO, Luiz; FRANCA, Patricia (orgs). **Concepções contemporâneas de arte.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006

STRAZZACAPPA, Márcia MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência:** a formação do artista da dança. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia. Dançando na chuva... e no chão de cimento. In: FERREIA, Sueli. **O ensino das artes:** construindo caminhos. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

VERDERI, Érica Beatriz L. P. **Dança na escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 1998

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte:** um paralelo entre arte e ciência. Campinas: Autores Associados, 2006.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

A DANÇA contemporânea no tempo. Disponível em:  
<[www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda\\_2011\\_01.pdf](http://www.gpef.fe.usp.br/teses/agenda_2011_01.pdf)>. Acesso em: 22/10/2011

A HISTÓRIA da dança. Disponível em:  
<[http://www.centroartisticodedanca.com.br/site\\_novo/paginas/historia.asp](http://www.centroartisticodedanca.com.br/site_novo/paginas/historia.asp) >. Acesso em: 04/11/2011

ARRUDA, Solange. **Dança Laban.** Disponível em:  
<<http://www.wartelaban.blogspot.com/2008/08/maria-duschenes-magitex.html>>. Acesso em: 04/11/2011

ARSENAULT , Nina. **Happy belated birthday, Martha Graham.** Disponível em:  
<<http://ninaarsenault.com/tag/martha-graham/>>. Acesso em: 04/11/2011

BOITO, Sofia. **Reflexões acerca do hibridismo.** 20 de out. de 2010. Disponível em:  
<<http://www.gridccsp.org/blog/2010/02/20/reflexoes-acerca-do-hibridismo/> >. Acesso em: 15/10/2011

FALCO, Stéfanye. **Estrelas do Ballet.** 10 de maio de 2010. Disponível em: <>. Acesso em: 04/11/2011

FERRAZ, Osvaldo Luiz. **Educação física escolar:** conhecimento e especificidade. A questão da pré-escola. Disponível em:  
<<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo3.pdf> >. Acesso em: 22/10/2011

GOMES, Jussara Vieira. **Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil.** Disponível em:  
<[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos\\_teses/EDUCACAO\\_FISICA/EmFoco/Danca/danca\\_salao.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/EmFoco/Danca/danca_salao.pdf)>. Acesso em: 22/10/2011

ISADORA Duncan. Disponível em:  
<<http://rozanipereira.blogspot.com/2010/05/isadora-duncan.html>>. Acesso em: 04/11/2011

LANGENDONCK, Rosana van. **História da Dança**. Disponível em:  
<[www.culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/LinhadoTempoHistoriadaDanca.pdf](http://www.culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/LinhadoTempoHistoriadaDanca.pdf)>. Acesso em: 22/10/2011

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE. **Artes Visuais**. Disponível em: < [www.unesc.net/nossoscursos](http://www.unesc.net/nossoscursos) >. Acesso em: 29/10/2011

## APÊNDICES



## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO PARTICIPANTE**

**Estamos realizando um projeto para o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado** “A dança no ensino da arte”. O (a) sr(a):  
\_\_\_\_\_ foi

plenamente esclarecido de que participando deste projeto, estará participando de um estudo de cunho acadêmico, que tem como um dos objetivos: Em que medida os professores de arte da rede municipal de Siderópolis trabalham os conteúdos da linguagem da dança em suas aulas? Embora o (a) sr(a) venha a aceitar a participar neste projeto, estará garantido que o (a) sr (a) poderá desistir a qualquer momento bastando para isso informar sua decisão. Foi esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro o (a) sr (a) não terá direito a nenhuma remuneração. Desconhecemos qualquer risco ou prejuízos por participar dela. Os dados referentes ao sr (a) serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que o (a) sr (a) poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Autoriza ainda utilização das falas (gravação da voz) que serão transcritas e (re)apresentadas para sua aprovação final. A coleta de dados será realizada pela acadêmica Andresa Denis Ambroso (Telefone (48) 34627395) da 8ª fase de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC orientada pelo professor Mndo. Marcelo Feldhaus (Telefone: (48)34312774).

Criciúma (SC)\_\_\_\_\_de\_\_\_\_\_de 2011.

---

Assinatura do entrevistado

## APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA

### **Roteiro para entrevista**

Qual a sua formação?

Há quanto tempo leciona a disciplina de artes? E em Siderópolis?

Costuma participar de formação continuada? Com que frequência?

Você se baseia em que materiais para elaborar o seu planejamento das aulas?

O que você entende por linguagem?

Você consegue trabalhar as diferentes linguagens da arte (artes visuais, música, teatro, dança) no decorrer do ano letivo?

O que é a dança para você?

Você tem dificuldades para trabalhar essa linguagem na sala de aula? Quais?

Você acredita que é necessária a formação em dança para propor os conteúdos dessa linguagem em sala de aula?

Você conhece os conteúdos da linguagem da dança?